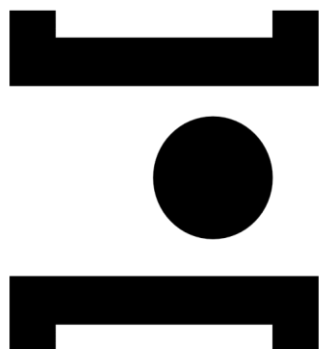


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação de Santarém



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**Importância do envolvimento parental no desempenho escolar
das crianças**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino
Básico**

Magda Alexandra Grazina dos Santos

Orientação:

Professora Doutora Maria João Cardona

dezembro, 2024

Para a minha estrelinha. Obrigada, avô!

Agradecimentos

É com muita dedicação e esforço que termino mais uma das principais e importantes etapas da minha vida. Ao longo de todo o meu percurso acadêmico, foram muitas as pessoas que cruzaram o meu caminho e que, de certa forma, ajudaram a que o meu sonho de me tornar educadora de infância e professora do 1.º ciclo do ensino básico se tornasse realidade. Desta forma, quero agradecer a todas as pessoas que ajudaram a que mais uma etapa fosse concluída com sucesso.

Aos meus pais que tornaram tudo possível. Agradeço todo o amor, inspiração, paciência e coragem. Obrigada por nunca me fazerem desistir e por me mostrarem que todos os nossos sonhos se podem tornar realidade!

À minha irmã por acreditar sempre naquilo de que sou capaz, por todo o carinho e amor que me dá, por nunca desistir de mim, por todas as brigas e por estar sempre disposta a ajudar no que for necessário. Obrigada por teres vivido todo este sonho sempre ao meu lado e por não me deixares desistir.

À minha família que esteve sempre lá nos bons e nos maus momentos.

Às amigas que Santarém me deu. Obrigada por todos os bons momentos que passámos juntas. Com a vossa amizade e o vosso apoio todo este trajeto se tornou mais risonho.

A todas as docentes cooperantes e crianças que fizeram parte dos meus primeiros passos enquanto educadora e professora estagiária, por me terem acolhido sempre da melhor forma, por toda a disponibilidade dada e por partilharem as vossas melhores experiências.

À docente Maria João Cardona por todo o apoio e ajuda durante todo este percurso, por todos os conhecimentos que me transmitiu e, acima de tudo, por ter acreditado em mim desde o início.

A todos o meu muito obrigada! Sem vocês este percurso não seria igual.

Resumo

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Santarém.

Encontra-se dividido em quatro partes, sendo a primeira parte referente ao percurso realizado ao longo das quatro práticas de ensino supervisionadas, nas valências de creche, jardim de infância e 1.º ciclo do ensino básico. A segunda parte apresenta uma reflexão sobre as aprendizagens adquiridas e dificuldades sentidas ao longo de todo o percurso de formação e as questões que levaram à escolha do tema da pesquisa que é apresentada na terceira parte deste relatório. Na apresentação desta pesquisa, num primeiro momento, são explicitados os objetivos, refletindo a importância que o envolvimento parental tem no desempenho escolar das crianças. Neste estudo utilizou-se uma metodologia de natureza qualitativa, tendo os dados sido recolhidos através de entrevistas realizadas a três educadoras e três professoras do 1.º ciclo do ensino básico. Na quarta, e última parte do relatório, é feita uma reflexão acerca da globalidade do trabalho desenvolvido nos estágios e na pesquisa realizada e das suas implicações a nível da aprendizagem profissional.

Os resultados do estudo evidenciaram que as crianças cujos/as pais/famílias estão mais presentes no seu percurso educativo, apresentam mais segurança e motivação em todas as atividades e tarefas realizadas no jardim de infância e na escola, contribuindo, positivamente, para o desenvolvimento integral e desempenho escolar das crianças. Partindo desta reflexão, foram estudadas algumas sugestões acerca da forma como os/as docentes podem motivar uma maior participação das famílias nas práticas educativas das crianças.

Palavras-chave: Família; Envolvimento Parental; Jardim de Infância; Escola; Desempenho Escolar

Abstract

This report is produced within the scope of the Master's in Preschool Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, carried out at the School of Education of the "Instituto Politécnico de Santarém".

It is divided into four parts, being the first part related to the journey experienced during the four supervised teaching practices in the contexts of nursery, kindergarten, and the 1st cycle of basic education. The second part provides a reflection on the learnings acquired and the challenges encountered throughout the training process, as well as the issues that led to the selection of the research topic presented in the third part of this report. In the presentation of this research, the objectives are first outlined, highlighting the significance of parental involvement in children's performance. This study used a qualitative methodology, with data collected through interviews conducted with three educators and three teachers from the 1st cycle of basic education. The fourth and final part of the report reflects on the overall work developed during the internships and the research conducted, as well as its implications for professional learning.

The study's results revealed that children whose parents/families are more involved in their educational journey exhibit greater confidence and motivation in all activities and tasks undertaken in preschool and school, positively contributing to their overall development and school performance. Based on this reflection, several suggestions were explored regarding how educators can encourage greater family participation in children's educational practices.

Keywords: Family; Parental Involvement; Kindergarten; School; Academic Performance

Índice

Introdução	1
Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas	2
1.1. Contexto de Creche	3
1.2. Contexto de Jardim de Infância	9
1.3. Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico – 2.º Ano de Escolaridade	15
1.4. Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º Ano de Escolaridade	20
Parte II – Processo de aprendizagem	25
Parte III – Trabalho de pesquisa: importância do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças	29
3.1. Objetivos da pesquisa	29
3.2. Fundamentação teórica	30
3.2.1. Definição de conceitos	30
3.2.2. O trabalho com as famílias na Educação de Infância e na Escola	33
3.3. Opções Metodológicas	41
3.4. Apresentação e Análise dos Dados	44
3.5. Considerações finais	47
Parte IV – Reflexão final	49
Referências Bibliográficas	51
Anexos	54
Anexo I – Guião de entrevista realizado às docentes	55
Anexo II – Transcrição das entrevistas realizadas às docentes	56
Anexo III – Análise de conteúdo das entrevistas	65

Índice de figuras

Figura 1 - Atividade "O Inverno"	7
Figura 2 - Atividade "Toca a experimentar"	7
Figura 3 - Atividade "Toca a experimentar"	7
Figura 4 - Atividade "A minha Família"	13
Figura 5 - Atividade "Desafio das formas"	13
Figura 6 - Atividade "Sou Criança e gosto de..."	13
Figura 7 - Atividade "Todos diferentes, mas todos iguais"	18
Figura 8 - Atividade "Pequenos Ajudantes do Pai Natal"	18
Figura 9 - Atividade "Vamos às compras"	23
Figura 10 - Atividade "Uma Aventura Explosiva"	23

Lista de Abreviaturas

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O presente relatório final surge no âmbito da Unidade Curricular Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Santarém. Tem como objetivos apresentar, refletir e fundamentar todo o meu percurso de aprendizagem ao longo das quatro práticas de ensino supervisionadas (PES).

O relatório encontra-se dividido em quatro partes. A Parte I incide nas práticas de ensino supervisionadas, onde dou a conhecer as instituições, os grupos, os projetos de estágio desenvolvidos e as aprendizagens e dificuldades sentidas ao longo dos quatro períodos de prática. Na Parte II, é feita uma reflexão acerca das aprendizagens desenvolvidas, dos conhecimentos e competências adquiridos, bem como sobre as dificuldades sentidas ao longo deste percurso.

A Parte III foca-se na componente de pesquisa que visa estudar a importância que o envolvimento parental tem no desempenho escolar das crianças. São apresentados os objetivos da pesquisa, a fundamentação teórica que foi a base de todo o trabalho desenvolvido, partindo da análise documental realizada para a definição dos conceitos mais relevantes e para o aprofundamento de conhecimentos acerca da temática. São, também, apresentadas as opções metodológicas do estudo, seguindo-se a apresentação e análise de todos os dados recolhidos. Na realização deste estudo foram consideradas as questões éticas, tendo sido solicitada a autorização de todos os docentes participantes, a recolha e a utilização dos dados, salvaguardando a sua confidencialidade. Esta pesquisa evidenciou a importância do envolvimento dos/das pais/famílias e permitiu refletir acerca das formas mais adequadas para promover este envolvimento.

Este relatório é finalizado pela Parte IV em que é apresentada a reflexão final acerca de todo o processo do trabalho desenvolvido, aprendizagens e dificuldades sentidas, bem como as implicações destas aprendizagens na minha futura enquanto educadora de infância e professora do 1.º ciclo do ensino básico. São apresentados, ainda, as referências bibliográficas e os anexos.

A realização deste relatório permitiu-me aprofundar um tema que considero muito importante em todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como identificar e analisar quais as melhores estratégias que poderei utilizar na minha futura prática enquanto educadora e professora do 1.º ciclo do ensino básico.

Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas

Nesta primeira parte, apresentarei as Práticas de Ensino Supervisionadas (PES) que decorreram ao longo dos dois anos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A primeira PES decorreu num contexto de Creche, durante o ano letivo 2022/2023, entre os dias 6 de dezembro de 2022 e 13 de janeiro de 2023 (quatro semanas). As duas primeiras semanas de estágio tiveram como objetivo observar e perceber as dinâmicas de uma Creche. Nas semanas seguintes, tive a oportunidade de intervir, em parceria com o meu par de estágio, com o grupo, realizando algumas atividades.

A segunda PES decorreu num Contexto de Jardim de Infância e decorreu entre os dias 26 de abril e 02 de junho de 2023. Durante as duas primeiras semanas de estágio, o objetivo foi entender qual a rotina e que tipo de atividades eram realizadas com as crianças. As últimas quatro semanas foram para intervenção.

A terceira PES decorreu num Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, no 2.º ano de escolaridade, no ano letivo 2023/2024, entre os dias 06 de novembro e 15 de dezembro de 2023 (seis semanas). Ao longo da primeira semana de estágio, o objetivo foi observar a dinâmica da sala de aula, as relações nela existentes e as atividades implementadas, havendo, também, uma intervenção conjunta entre as alunas estagiárias e a professora cooperante. As semanas seguintes, foram dedicadas à intervenção com a turma.

A quarta, e última, PES decorreu entre os dias 19 de abril e 22 de maio de 2024, num Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, no 4.º ano de escolaridade. À semelhança do estágio anterior, a primeira semana teve como principal objetivo observar todas as dinâmicas dentro da sala de aula, sendo as seguintes de intervenção com a turma.

Para cada estágio é feita uma caracterização da instituição, do grupo de crianças e do ambiente educativo, apresentando, também, os projetos de estágio realizados e a sua respetiva avaliação.

1.1. Contexto de Creche

Caracterização da instituição

Este estágio realizou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada na cidade de Santarém. De acordo com os censos de 2021, esta cidade tem um total de 562 quilómetros quadrados e 58 662 habitantes, apresentando diversos serviços como creches, jardins de infância, escolas, centros de saúde, hospitais, comércio, entre outros.

A Instituição, onde o estágio foi realizado, integrava diversas Unidades, com diferentes valências, sendo que a da Creche foi inaugurada em outubro de 2006. O espaço era dividido em dois pisos, sendo que no rés-do-chão se situava o Jardim de Infância e no 1.º piso as Creches 1 e 2. O local onde se realizou o estágio foi na Creche 2, que continha um hall de entrada, uma copa, um refeitório, instalações sanitárias para os trabalhadores, uma sala de arrumos, uma despensa, um vestiário, quatro salas de creche e, ainda, um gabinete de recursos humanos. Dispunha, também, de um espaço exterior, parcialmente, coberto com material adequado a todas as crianças da instituição.

Dá resposta a um total de 68 crianças, com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos, estando a maioria distribuída pelas quatro salas da Creche 2: a sala de berçário, com dormitório e fraldário interior, para bebés com idades compreendidas entre os 3 e os 12 meses; a sala de 1 ano, para crianças com idades entre os 12 e os 24 meses; a sala dos 2 anos, adequada às crianças com idades entre os 24 e os 36 meses e, ainda, a sala multietária que dava resposta a crianças entre os 10 e os 36 meses.

A organização pedagógica desta instituição estava a cargo de uma Coordenadora Pedagógica que, em parceria com toda a comunidade educativa, elaborava todos os documentos de prestação de serviços aos utentes, familiares e comunidade, como, por exemplo, o Projeto Curricular de Estabelecimento. Relativamente ao pessoal docente, dele faziam parte três educadoras de infância e cinco auxiliares de ação educativa. Estas, eram distribuídas pelas quatro salas, estando o berçário sem educadora de infância em permanência, pelo que, sempre que necessário, a educadora da sala de um ano dava apoio às duas auxiliares que lá permaneciam.

De forma a dar resposta a todas as crianças da Instituição, o Projeto Curricular de Estabelecimento (2022), foi elaborado de acordo com uma problemática observada no dia a dia da mesma, tendo como principais objetivos: “ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, as implicações práticas e expressá-los em relação a si próprias, aos outros, (...); fomentar nas crianças, atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente (...)” (p.15). Este documento enumera, também, todos os

objetivos de cada valência, estando os de creche de acordo com os referidos acima. Os principais objetivos da valência de creche são, então:

Satisfazer as necessidades e interesses da criança nas diferentes etapas do seu desenvolvimento, até aos 3 anos de idade; Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar; Colaborar com a família na partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; Assegurar o atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança; Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado; Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva; Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade (Projeto Curricular de Estabelecimento, 2022, p. 07).

Caracterização do grupo

O grupo era constituído por 15 crianças, nascidas entre o mês de janeiro de 2020 e o mês de dezembro de 2021, com idades compreendidas entre os 10 e os 34 meses, das quais 8 eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino.

Todas as crianças tinham nacionalidade portuguesa, com a exceção de uma, que tinha nacionalidade angolana. Apesar de a nacionalidade ser portuguesa, a maioria dos pais não o era, o que, por vezes, dificultava a comunicação com os mesmos. Das 15 crianças do grupo apenas 6 tinham irmãos, sendo que 4 elementos tinham apenas 1 irmão e 2 elementos tinham 2 irmãos.

Relativamente à linguagem, poucas crianças expressavam palavras, uma vez que a maioria não tinha a língua portuguesa como língua materna, não sendo esta utilizada no dia a dia das famílias, o que dificultava um pouco a aprendizagem e a comunicação das crianças. Para se expressarem e comunicarem com os outros, as crianças imitavam sons, levando a que a educadora priorizasse, bastante, a aquisição da linguagem, dialogando muito com elas de forma simples e clara, repetindo muitas palavras.

No que diz respeito ao nível motor, 13 crianças já conseguiam andar sozinhas, havendo duas que ainda precisavam de apoio para caminhar, gatinhando a maior parte do tempo para se deslocarem a algum lugar. No entanto, durante o período de estágio,

uma destas crianças começou a aprender a colocar-se em pé e a dar os primeiros passos. Todas as crianças já apresentavam, também, uma postura correta ao sentar, fazendo-o sem qualquer apoio.

Dentro do grupo, existia uma grande variedade de gostos, sendo que gostavam bastante de ouvir música, brincar com os brinquedos da sala, explorar o espaço e interagir com todos os elementos, incluindo a educadora e a auxiliar de sala. À medida que fui observando o grupo, percebi que gostavam das atividades orientadas, pois era nestas que demonstravam grande entusiasmo aquando do momento em que a educadora perguntava quem queria ou não concretizá-las.

Caracterização do ambiente educativo

O período de estágio em creche decorreu na sala multietária. Esse espaço dispunha de um corredor com cabides, uma casa de banho/fraldário interior e uma sala onde ocorria todo o dia a dia das crianças.

Na entrada da sala, existia um corredor com cabides que servia, essencialmente, para a arrumação do material (mochilas, casacos e bibes) de cada criança. Cada cabide estava identificado com uma fotografia da criança, bem como com o seu nome. A casa de banho/fraldário interior dispunha de um poliban, uma bancada com o trocador, três sanitas, uma estante dividida em vários compartimentos para armazenar os produtos de higiene de cada criança, três lavatórios, cabides identificados e um tapete onde as crianças se sentavam aguardando a sua vez. Seguindo para a sala, esta apresentava duas grandes janelas, que permitiam a entrada de bastante luz solar, paredes de cor branca e bege, onde eram expostos os trabalhos realizados pelas crianças em três placares, dois armários onde eram guardados todos os brinquedos e os materiais necessários para as atividades, uma bancada, a “área de grande grupo”, com um tapete acolchoado onde se iniciava o dia e onde se efetuavam algumas atividades, o “cantinho da leitura”, que continha inúmeros livros adequados à faixa etária, a “área de trabalho”, com duas mesas onde decorriam algumas atividades, a “área do faz-de-conta”, com uma pequena cozinha e alguns brinquedos alusivos à mesma, e, ainda a “área do espelho”, que continha um espelho para que as crianças pudessem explorar as mais diversas “caretas” e os movimentos que podiam executar com o seu corpo.

O dia a dia da sala iniciava às 9 horas, com o momento do acolhimento por parte da educadora de infância, embora a instituição acolhesse a maior parte das crianças a partir das 7h30min. Neste, a educadora recebia as crianças perguntando aos encarregados de educação informações pertinentes para o dia das mesmas. A partir deste momento, iniciavam-se as atividades não orientadas, de forma a esperar que todos os elementos do grupo chegassem à instituição. Por volta das 9h45min, era

cantada a canção do “Bom Dia”. Aqui, ao terminar a música, a educadora dava o “Bom Dia” a cada criança, esperando pela resposta da mesma.

As atividades orientadas eram efetuadas das 10h30min às 11 horas, pois era aqui que as crianças estavam mais concentradas e “abertas” para novas aprendizagens. Quando este período acabava, todas as crianças arrumavam a sala, para que se pudessem deslocar para a casa de banho de forma a efetuarem a sua higiene. De seguida, as crianças formavam um “comboio” para se deslocarem ao refeitório para o momento da refeição. Nesta, as crianças mais pequenas necessitavam de auxílio para comer, pelo que os adultos presentes ajudavam sempre que necessário.

Depois do almoço, pelas 12 horas, era a hora da sesta. Pelas 15 horas, quando todas as crianças acordavam da sesta, havia outro momento de higienização, voltando cada criança a vestir o seu bibe, para que pudessem lanchar. Das 16 horas às 19 horas era o momento de saída. Este era considerado muito importante, uma vez que era sempre dada informação pertinente aos responsáveis pelas crianças, tanto por parte da educadora como, também, da auxiliar educativa.

A relação entre a educadora e a auxiliar de sala com as crianças era bastante positiva, uma vez que interagiam muito com as crianças, dando especial atenção às suas necessidades e demonstrando interesse nas brincadeiras que as crianças estavam a realizar.

Projeto de estágio desenvolvido

O projeto pedagógico intitulado “Sentir e Aprender”, surgiu após, eu e o meu par de estágio, termos percebido que as atividades, implementadas pela educadora cooperante, que utilizavam as sensações e a expressão corporal, eram as que mais despertavam a atenção das crianças. Assim, após conversas informais com a educadora, levantámos a seguinte questão “Será que as sensações são assim tão importantes para o desenvolvimento de uma criança?”, tendo sido a partir desta que seleccionámos a temática do projeto: Os 5 sentidos. Este projeto acabou por não ser implementado na sua totalidade, sendo apenas realizadas duas atividades ao longo das duas últimas semanas de estágio.

Este projeto tinha como principal objetivo - avaliar a importância da exploração dos cinco sentidos no desenvolvimento infantil - e como objetivos específicos: classificar a promoção do desenvolvimento das emoções através dos cinco sentidos; avaliar como a exploração sensorial pode estimular a coordenação motora e analisar como a curiosidade, acerca dos recursos disponibilizados, pode ajudar as crianças no desenvolvimento nas diferentes atividades.

A primeira atividade realizada com o grupo – “O Inverno”, no âmbito do projeto, foi uma atividade acerca do Inverno, pelo facto de nos encontrarmos nessa estação do ano. Nesta, seleccionámos diversos sons que fizessem referência ao Inverno, uma vez que pretendíamos que as crianças tivessem contacto com as diferentes sensações que esta estação do ano proporciona. No decorrer da atividade, tentámos recriar algumas dessas sensações, utilizando um lençol para recriar o vento, um borrifador com água para representar a chuva e arroz a “cair” dentro de um recipiente de plástico para ouvirem o som da chuva de perto. Fez também parte desta atividade, o acompanhamento de músicas e a realização de sons através de maracas feitas com material reutilizável (Figura 1). Destaco estas atividades, pois, ao observar o grupo, percebi que este estava bastante entusiasmado e concentrado no decorrer das mesmas, tendo, também, muito interesse em explorar o material disponibilizado.

Na segunda semana de intervenção, no tema “Toca a experimentar”, o foco foram atividades em que as crianças conseguissem explorar mais o sentido do tato. Para isso, foram utilizados recipientes de plástico com gel e arroz, bem como sacos de plástico com diferentes cores de gel e com elementos que fazem parte do rosto humano (Figuras 2 e 3). Aqui, foi dada a oportunidade às crianças de mexerem no gel e no arroz com as suas mãos, de forma a sentirem as diferentes texturas e, num outro momento, a organizarem o rosto humano. Estes momentos tornaram-se muito produtivos, uma vez que todas as crianças do grupo estavam envolvidas, fazendo com que desfrutassem das atividades juntas.



Figura 1 - Atividade "O Inverno"



Figura 2 - Atividade "Toca a experimentar"



Figura 3 - Atividade "Toca a experimentar"

Avaliação do projeto de estágio desenvolvido

Ao longo das semanas de intervenção procurei fazer uma avaliação das atividades implementadas, de forma a perceber como é que as crianças se sentiam e se haveria algum aspeto que poderia ser melhorado futuramente. Essa avaliação foi feita através da observação direta daquilo que as crianças estavam a vivenciar e do feedback dado pela educadora cooperante acerca de cada uma das atividades. No início

tentou-se, também, pedir feedback ao grupo de crianças, mas, como já foi referido acima, a maioria delas não expressava qualquer palavra, pelo que foi necessário ajustar este feedback, verificando, apenas as suas expressões e entusiasmo no decorrer do trabalho realizado. Através do feedback da educadora cooperante, o par de estágio foi, aos poucos, aperfeiçoando todo o trabalho desenvolvido, de forma a ir ao encontro das necessidades do grupo, bem como dos seus interesses.

Julgo que grande parte do grupo gostou das atividades implementadas decorrentes do projeto, já que, ao longo das mesmas, conseguia observar traços de felicidade e entusiasmo nos seus rostos, como, por exemplo sorrisos e gargalhadas, algo que me fazia feliz por saber que estava a contribuir para o seu bem-estar. Com as atividades, as crianças mais velhas, adquiriram novos conhecimentos acerca da organização espacial e desenvolveram a sua motricidade fina, uma vez que com a atividade do gel conseguiram organizar os diferentes elementos para formar um rosto e tentaram agarrar os pequenos bagos de arroz existentes no recipiente.

Cada atividade deste projeto teve como foco principal a exploração dos materiais disponibilizados, pelo que foi muito importante que cada criança aproveitasse ao máximo todas as oportunidades de interação e exploração proporcionadas. Cada uma necessitou do seu próprio tempo de exploração e interação, o que julgo ser muito importante para as suas aprendizagens, dado que não é só através do nosso auxílio que aprendem e adquirem novas competências, mas, também, através das suas próprias descobertas.

Relativamente à minha integração no contexto, sinto que foi muito positiva. O grupo de crianças reagiu bastante bem à minha presença e via-me como alguém em quem podia confiar. Particpei ativamente na rotina do dia a dia da sala, ajudando em todas as atividades que eram realizadas, bem como nas idas à casa de banho, trocas de fraldas, refeições e brincadeiras com as crianças, em que fazia questão de participar, para que tivessem mais confiança em mim e para que conseguisse comunicar melhor com elas.

Como nunca tinha feito nenhum estágio nesta valência, não sabia o que me esperava, mas tornou-se muito gratificante ver a evolução das crianças e perceber que, para crianças nesta faixa etária, a experimentação é algo muito importante para o seu desenvolvimento, tornando as suas aprendizagens mais ricas.

1.2. Contexto de Jardim de Infância

Caracterização da instituição

A caracterização que se segue refere-se à instituição onde decorreram as últimas três práticas de ensino supervisionadas (contextos de Jardim de Infância e de 1.º ciclo do Ensino Básico – 2.º e 4.º anos de escolaridade).

O Jardim de Infância onde decorreu o estágio, foi criado a 29 de abril de 2002 e faz parte de um Agrupamento de Escolas da cidade de Santarém. Este agrupamento, contém diversas valências de ensino, como pré-escolar e escolas dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, tendo cerca de 1450 alunos distribuídos por 67 turmas/grupos nestes espaços.

O edifício onde está inserido o Jardim de Infância, era dividido em dois pisos, no rés-do-chão estavam localizadas duas salas de pré-escolar e duas salas destinadas ao 1.º ciclo, já no primeiro piso, todas as salas estavam atribuídas aos alunos do 1.º ciclo do ensino básico. Cada grupo/turma tinha entre 20 e 25 alunos, sendo que as salas do Jardim de Infância tinham crianças com idades compreendidas entre 3 e 6 anos e as do 1.º ciclo entre 6 e 12 anos. O espaço tinha, então, um hall de entrada, dez salas de aula, uma biblioteca, quatro instalações sanitárias para as crianças, quatro instalações sanitárias para os colaboradores, duas salas de apoio à prática letiva, salas de trabalho para professores, um ginásio, uma sala polivalente, um refeitório, uma copa, uma sala de arrumos, recreio coberto e recreio exterior.

A organização pedagógica desta instituição era da responsabilidade de uma Coordenadora Pedagógica, que colaborava com o Conselho Pedagógico do Agrupamento para garantir a supervisão e acompanhamento de todas as atividades desenvolvidas pelos docentes e do processo de ensino e aprendizagem, bem como da comunicação da escola com a família.

O Projeto Educativo deste Agrupamento intitula-se “Fazer melhor para conseguir mais!”. Este projeto, tem como principais objetivos promover um trabalho colaborativo de qualidade, desenvolver competências para o futuro do estudante, entre outros. Para atingir estes objetivos, o agrupamento delineou diversas metas a serem cumpridas, para garantir o sucesso escolar, a qualidade das aprendizagens, o acolhimento e pertença na comunidade e formação de indivíduos ativos, responsáveis e participativos.

Caracterização do grupo

O grupo da sala de Jardim de Infância era constituído por 21 crianças, nascidas entre o mês de setembro de 2016 e o mês de agosto de 2019, tendo idades compreendidas entre os três e os seis anos. Destas crianças, 11 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com nacionalidades bastante diversificadas (portuguesa,

brasileira, moldava, ucraniana, moçambicana e angolana). Todas as crianças tinham um ou mais irmãos, sendo a maioria com menos de 4 anos.

Era um grupo de crianças com idades algo distintas, o que facilitava muitas aprendizagens decorrentes da troca de experiências e da cooperação entre crianças. Eram crianças que revelavam persistência e interesse pelas atividades, sendo, também, muito motivadas nas diferentes propostas de atividades.

Algumas crianças tinham dificuldades ao nível da expressão oral, havendo três crianças que frequentavam Terapia da Fala. Havia, ainda, alguns problemas de assiduidade, algo que comprometia o desenvolvimento das crianças, havendo pouco estímulo sociofamiliar, já que os encarregados de educação tinham pouco interesse pelo percurso escolar das suas crianças, apresentando alguma dificuldade na comunicação com a educadora. Neste grupo existia, ainda, uma criança que apresentava comportamentos desafiadores, agredindo colegas e revoltando-se com os adultos quando algo não se encontrava como queria, exigindo uma grande vigilância por parte da educadora e da auxiliar de sala.

No que diz respeito à motivação, este era um grupo bastante motivado para a realização das atividades, estando sempre disposto a novas ideias e brincadeiras, o que facilitava a participação e interação entre todos.

Caracterização do ambiente educativo

A sala onde se realizou o estágio, estava dividida em áreas, que tinham um limite de crianças que as podiam utilizar em cada momento de brincadeira. Era um espaço bastante iluminado, dado que tinha uma parede revestida por janelas desde o chão até ao teto. As paredes da sala estavam pintadas de branco e amarelo e preenchidas com os trabalhos que as crianças realizam ao longo do ano. A “área da higienização” era a única zona que podia ser utilizada livremente pelas crianças, estando equipada com um lavatório com duas torneiras, sabonete, papel para secar as mãos e uma pequena zona para arrumação. Logo em seguida, encontrava-se a “área da pintura” que disponibilizava às crianças diversos materiais de pintura como tintas, folhas de pintura e um cavalete.

Ao lado estava a “área dos recortes e colagem”, com vários tipos de cola, tesouras, jornais, revistas e folhas brancas, dispostos sobre uma mesa de trabalho, para que as crianças pudessem desenvolver a sua criatividade e motricidade fina. A “área dos jogos” dava às crianças a oportunidade de jogarem diversos jogos de tabuleiro, como blocos lógicos e associação de palavras ou imagens. Mais ao lado, as crianças tinham disponível uma “área de desenho”, com um móvel de arrumação com material de desenho (lápiz, canetas de feltro, folhas de papel e tabuleiros com os desenhos

inacabados das crianças) e uma mesa de trabalho, para que pudessem fazer as suas artes.

A “área da casinha”, oferecia às crianças a possibilidade de brincarem ao faz-de-conta. Este espaço continha diversos objetos alusivos a uma casa em miniatura, bem como, alimentos em plástico e *Nenucos*. Tal como a “área da casinha”, a “área da garagem”, também era usada para brincar ao faz-de-conta, tinha um móvel para arrumação, diversos legos, meios de transporte em miniatura e um tapete com itinerários. Já a “área da leitura”, era uma zona mais sossegada, onde as crianças podiam “ler” alguns livros de histórias, sentadas nos dois sofás disponíveis. Por fim, a área mais utilizada, era a “área de grande grupo”, onde começavam e acabavam todos os dias e eram explicadas as atividades a realizar. Esta área dispunha de um tapete, quadro de presenças e meteorologia do dia, projetor, quadro branco e quadro negro.

Quando o estágio começou, a educadora já tinha uma rotina muito específica com as crianças, tentando ao máximo mantê-la, para que as mesmas se sentissem mais seguras. O momento do acolhimento iniciava-se às 9 horas. Aqui as crianças eram recebidas pelas auxiliares educativas e aguardavam pela educadora. Quando esta chegava, as crianças acompanhavam-na até à sala. Quando chegavam à porta da sala, iam colocar as suas mochilas e casacos nos cabides e entravam na mesma dirigindo-se para a “área de grande grupo”, para iniciar o dia, cantando a música do “Bom dia”. De seguida partiam para a escolha do “chefe do dia” que ficava encarregue de ajudar a educadora a colocar as presenças e a preencher o quadro do tempo.

Entre as 9h30min e as 10h20min, existiam diversas atividades orientadas, projetadas pela educadora. Durante este período, algumas crianças estavam a fazer estas atividades, enquanto outras escolhiam áreas para brincar. Às 10h30min era o momento em que as crianças arrumavam os materiais que tinham estado a utilizar e se sentavam à mesa para lanchar. O momento do recreio era às 11 horas. Neste, as crianças podiam usufruir do espaço exterior durante cerca de 30 minutos a 1 hora. Um pouco antes da hora do almoço (12 horas), a educadora cantava a canção de arrumar para que as crianças estivessem prontas para almoçar.

Depois do almoço, havia a hora da leitura, onde eram contadas diversas histórias, havendo, no fim, um diálogo com o grupo para perceber a sua opinião acerca do que foi lido e ouvido. Quando este momento era finalizado, as crianças voltavam a fazer atividades orientadas ou brincadeira livre até às 15h15min, altura em que arrumavam a sala e iam lanchar. Às 15h30min era o momento da despedida, em que a maioria das crianças ia embora, enquanto as restantes ficavam para o prolongamento das atividades de enriquecimento curricular até que algum familiar as fosse buscar.

Ao observar o dia a dia do grupo, era notável a boa relação que existia entre a educadora e as crianças, sendo esta afetuosa. Entre a educadora e os encarregados de educação existia, também, uma boa relação.

Projeto de estágio desenvolvido

Ao longo das primeiras semanas de estágio, tínhamos como objetivo perceber que temas a educadora cooperante tratava com as crianças, para elaborar o projeto. Com esta observação, e em conversas com a mesma, percebemos que gostava bastante de utilizar as Artes Visuais com as crianças, havendo muitos trabalhos expostos na sala. Decidimos, então, intitular o nosso projeto de “Explorar a arte”.

Este projeto teve como público-alvo as crianças do Grupo 2, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. O seu principal objetivo foi dar a conhecer novas técnicas de expressão artística (pintura) às crianças. Tendo por base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), delinearam-se os seguintes objetivos específicos: desenvolver o gosto pela arte; estimular a capacidade de observação; desenvolver a criatividade através de atividades de expressão artística; desenvolver a representação da figura humana em desenho; saber identificar e comparar quantidades através de diversas representações; perceber as características de cada objeto, comparando-o e ordenando-o; desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões.

O projeto “Explorar a arte” decorreu ao longo de quatro semanas de intervenção, tendo feito parte dele várias atividades, das quais destaco apenas três. A primeira, intitulada de “Família”, teve por base o Dia da Família, tendo sido pedido ao grupo que desenhasse cada membro da sua família em diferentes tiras de cartolina, para, de seguida, decorarem um pedaço triangular de cartolina com tiras de papel crepe e assim formar uma casa (Figura 4). Considero que esta decorreu bastante bem, já que as crianças aderiram e participaram de forma ativa e criativa.

Outra atividade que gostaria de realçar é a das formas geométricas, elaborada na terceira semana de estágio. Nela, as crianças tinham de pintar diversas formas geométricas com a ajuda de papel amassado e montar um puzzle de uma forma geométrica aleatória, bem como copiá-la e transcrever o nome da mesma para uma folha de papel (Figura 5). Este momento foi muito proveitoso, pois, para além de as crianças treinarem a sua escrita, também, aprenderam o nome das formas geométricas e como organizar as peças de um puzzle para que se parecesse com a forma geométrica selecionada.

A última atividade que gostaria de salientar diz respeito ao Dia da Criança e foi realizada na última semana de estágio. Aqui, as crianças tinham de fazer o decalque da sua mão numa folha de papel, para, mais tarde, colarem uns “olhinhos” e desenharem uma boca e um nariz, para que este desenho as representasse (Figura 6). Depois disto, foi pedido a cada criança que completasse a frase “Sou criança e gosto de...”, com algo que gostasse de fazer no seu dia a dia. Esta atividade foi muito bem-sucedida, uma vez que as crianças estavam alegres a fazer os seus trabalhos, apesar de, algumas não se sentirem muito confortáveis com a tinta nas suas mãos.



Figura 6 - Atividade "A minha Família"

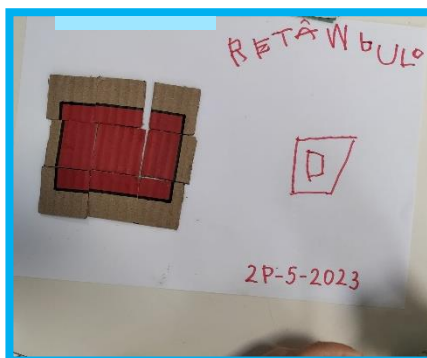


Figura 5 - Atividade "Desafio das formas"

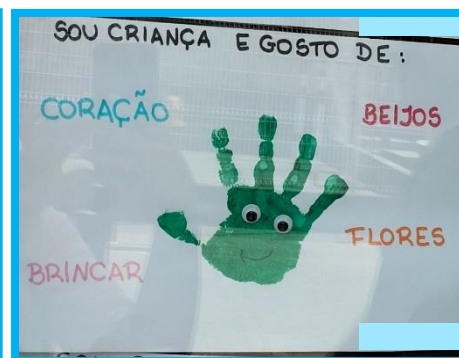


Figura 4 - Atividade "Sou Criança e gosto de..."

Avaliação do projeto de estágio desenvolvido

A avaliação das atividades implementadas no âmbito do projeto “Explorar a arte” teve como base a observação direta e o feedback da educadora cooperante e das crianças do grupo, de forma a perceber quais seriam as mudanças a efetuar ao longo do mesmo. O feedback das crianças ocorreu através de perguntas simples, como, por exemplo, “Gostaram da atividade?”, “Querem repetir?”, “O que mudariam nesta atividade?”, entre outras. Através deste feedback, foi possível aperfeiçoar e, até, alterar alguns pequenos pontos em cada uma das atividades implementadas, indo ao encontro das necessidades e expectativas do grupo.

Dado que dentro do grupo existiam crianças com idades bastante díspares, foram necessários alguns ajustes nas planificações e atividades elaboradas, de modo que tudo o que era feito fosse algo que as crianças mais novas conseguissem fazer, mas também um desafio para as mais velhas. Ao planificar cada atividade, a idade e as capacidades de cada criança eram tidas em conta, mas, por vezes, tais ajustes seriam feitos aquando da realização das tarefas, pois só aí, se conseguiria perceber se determinada criança era ou não capaz de a realizar de determinada forma. Estes momentos foram bastante reflexivos, uma vez que foi necessário concentrar toda a minha atenção naquilo que a criança conseguiria elaborar, de maneira que a atividade fosse estimulante para a mesma.

Ao longo de todas as atividades, o interesse das crianças foi crescendo, demonstrando cada vez mais alegria e entusiasmo no desenvolvimento das mesmas, querendo, muitas vezes, continuar ou repetir a “brincadeira” noutra ocasião. Com o projeto, considero que as crianças aprofundaram os seus conhecimentos ao nível das diferentes formas de pintura que se podem utilizar, tendo desenvolvido novas competências e aprendizagens.

Considero que a atividade que tinha mais receio em executar era a do Dia da Família, sendo, para mim, a que talvez tenha um dos temas mais complexos de trabalhar com as crianças, pois nunca sabemos o que existe dentro de uma família, podendo despoletar algumas emoções que tinha preocupação de não conseguir enfrentar. Com o desenrolar da atividade e com as atitudes das crianças durante a mesma, percebi que, por vezes, nós adultos, é que pensamos que este tema poderá ser difícil de trabalhar com algumas delas.

Julgo que a minha integração no grupo foi muito positiva, visto que fui muito bem recebida por todos e que a minha relação com as crianças foi crescendo ao longo do tempo. Durante a implementação do projeto, para além de participar em todas as atividades do mesmo, envolvi-me de forma ativa no dia a dia do grupo, tanto nas suas brincadeiras livres, como, também, nas suas rotinas diárias.

Através das semanas de intervenção, compreendi que o mais importante é que as crianças se sintam interessadas e envolvidas no que estão a fazer, sendo que, quando tal não acontece, não as devemos “forçar” a continuar as atividades só porque estão nas planificações semanais, embora estas sejam, também, muito importantes para a nossa prática.

1.3. Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico – 2.º Ano de Escolaridade

Caracterização da instituição

O período de estágio ocorreu na mesma instituição onde decorreu a PES de Jardim de Infância, pelo que a caracterização da instituição é igual à realizada no capítulo anterior.

Caracterização da turma

A turma de 2.º ano de escolaridade era constituída por 25 alunos, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos, sendo 13 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. A maioria dos alunos tinha nacionalidade portuguesa (16 crianças) e o restante diferentes nacionalidades (angolana, brasileira e moldava). A grande maioria dos alunos não tinha irmãos, existindo apenas 6 crianças com irmãos com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos.

Algumas crianças apresentavam dificuldades na aprendizagem, sendo que, para as colmatar, a professora cooperante utilizava algumas estratégias, entre elas a distribuição nas mesas da sala de aula, onde crianças com mais dificuldades ficavam sentadas ao lado das que apresentam menos dificuldades, conseguindo, assim, ajudar-se mutuamente no dia a dia e nas atividades propostas. Existiam, ainda, crianças com dificuldades a nível da expressão oral, sendo que três frequentavam terapia da fala, vendo-se já alguns progressos no seu desenvolvimento. Embora tivessem algumas dificuldades, a maioria das crianças demonstrava motivação e interesse para aprender e descobrir novos conceitos e ideias acerca do mundo envolvente.

A esta turma pertenciam 3 alunos repetentes, que demonstravam, também, algumas dificuldades, mas que, ao longo do tempo, se percebia alguma evolução na sua aprendizagem. Durante o período do estágio, entrou para a turma uma nova aluna vinda do estrangeiro. Esta aluna foi bem acolhida pelos colegas e professora, que fizeram sempre os possíveis para que se sentisse integrada na turma, incluindo-a nas atividades e brincadeiras. A nova criança, tinha alguns conhecimentos prévios, tendo como língua materna o português, o que facilitou ainda mais a sua integração e a comunicação com a restante turma.

Todas as crianças viviam relativamente perto da escola, fazendo com que o tempo de deslocamento para a mesma fosse mais curto, aumentando a disponibilidade para os encarregados de educação irem à escola quando necessário. Por vezes, tal não se verificava, dado que, quando sugerida a sua participação nas atividades, a maioria não comparecia.

Caracterização do ambiente educativo

A sala de aula estava organizada em várias zonas interligadas entre si. Todas as zonas eram organizadas pela professora titular de turma, sendo alteradas ao longo do ano letivo, conforme as necessidades.

As mesas encontravam-se alinhadas de frente para o quadro, de forma que todos os alunos o conseguissem observar sem dificuldade, estando mais despertos para os conteúdos lecionados. A sala tinha treze mesas, cada uma com duas cadeiras, estando os alunos organizados de acordo com os seus graus de dificuldade. De frente para os alunos, encontra-se a secretária da professora.

O quadro interativo e o quadro de giz, estavam na parede de frente para os alunos, sendo ambos utilizados no dia a dia da turma, para projetar os manuais, as fichas de trabalho, os vídeos e os jogos interativos, fazendo com que os alunos se conseguissem organizar com os manuais e fichas de trabalho. No quadro de giz estavam contemplados a data e um painel com o alfabeto maiúsculo e minúsculo para auxiliar os alunos no momento da sua escrita no caderno diário, sendo utilizado para a resolução de exercícios e para a explicação dos conteúdos programáticos. Atrás das mesas, encontrava-se um quadro de cortiça e dois “estendais” de corda para a exposição dos trabalhos elaborados pelas crianças. Aqui, estavam, também, duas estantes utilizadas para a arrumação dos manuais escolares e das fichas desenvolvidas.

Junto à porta de entrada encontrava-se a zona de higienização, utilizada para a lavagem das mãos antes das refeições. A parede desta zona tinha diversos armários para arrumação dos materiais didáticos, utilizados aquando da explicação de alguns conteúdos, de desenho, de pintura, entre outros.

Dentro da sala de aula já existia uma rotina mantida desde o início do ano letivo. Esta tinha por base um horário que ocorria desde as 9 horas e as 15h30min (sem as atividades de enriquecimento curricular), onde em cada dia existiam diversos momentos destinados, cada um deles, a uma área distinta, havendo, também, oportunidades de interdisciplinaridade aquando das atividades implementadas. Assim, o dia iniciava às 9 horas, com o acolhimento das crianças por parte da professora titular de turma, atualizando-se a data no quadro de giz e os ajudantes do dia. Entre as 9 horas e as 11 horas, ocorriam as atividades letivas, variando a área curricular de acordo com o horário da turma. Este período era destinado às áreas de conteúdo de Português e Matemática. Às 11 horas ocorria o momento do intervalo, que, por vezes, iniciava um pouco antes, dado que, ao terminar todas as atividades previstas para a área abordada, a professora incentivava os alunos a higienizar as mãos e a lanchar, para que pudessem ter mais tempo de brincadeira no exterior da sala. Por volta das 12h30min, iniciava o momento do almoço.

Após o almoço, ocorriam, novamente, as atividades letivas, variando as áreas curriculares conforme o horário letivo da turma (Estudo do Meio, Expressão Artística ou Educação para a Cidadania). Ao final do dia, ocorria a marcação do comportamento, havendo uma pequena conversa acerca do dia e daquilo que tinha “corrido” bem e o que se podia melhorar. Às 15h30min, acabavam as atividades letivas com a professora titular de turma, sendo que algumas crianças saíam da escola, enquanto outras permaneciam para as atividades de enriquecimento curricular (até às 17h30min).

Existia uma boa relação entre a docente e os encarregados de educação, pois estes recorriam à professora sempre que tinham alguma dúvida ou preocupação, embora quando solicitado não comparecessem na escola. A relação entre a professora e os alunos era de igual forma muito boa, visto que existia um grande afeto e carinho entre eles, havendo, também, um respeito mútuo entre todos.

Projeto de estágio desenvolvido

O projeto desenvolvido neste estágio, “Aprender através de histórias infantis”, surgiu a partir da observação realizada na primeira semana de estágio, bem como dos interesses e necessidades da turma. Através da observação e de diálogos com a professora cooperante, foi possível verificar que as crianças tinham especial gosto por livros infantis, apresentando, também, algumas dificuldades em compreender e interpretar aquilo que lhes era transmitido. A partir destas informações, surgiu, então, um projeto pedagógico que pudesse, de alguma forma, colmatar estas dificuldades, utilizando um recurso que os alunos gostavam.

O seu principal objetivo foi promover o gosto pela leitura, assim como o desenvolvimento da interpretação e compreensão de diferentes histórias infantis, tendo como objetivos específicos: desenvolver o gosto pelos livros e pela leitura; promover a transformação da informação, retirada de um livro, em conhecimento; promover a gestão de informação a partir de livros infantis e estimular a tolerância e empatia ao longo das partilhas feitas pelos colegas. Ao longo deste projeto, o intuito foi, sempre que possível, fazer interdisciplinaridade entre todas as áreas de conteúdo (Português, Matemática, Estudo do Meio, Expressão Artística e Educação para a Cidadania).

O projeto “Aprender através de histórias infantis”, teve uma duração de quatro semanas, fazendo dele parte diversas atividades inseridas nas planificações de cada semana de intervenção. Assim, destacarei apenas duas das atividades que dinamizei e que tiveram como ponto de partida dois livros infantis. A primeira foi dedicada à exploração do livro “Chocolata”, de Marisa Núñez. Este livro permitiu trabalhar a diversidade e as diferenças que existem entre todos nós. Inicialmente, foi explorada a capa e o título do livro, de forma a perceber quais as ideias que as crianças tinham

acerca dos mesmos. Após este momento, procedeu-se à leitura expressiva da história, permitindo, sempre, que as crianças participassem. A partir desta leitura inicial, foi feito o reconto da história pelos alunos, “discutindo-se” as novas ideias que iam surgindo. De forma a perceber se os alunos tinham, ou não, feito uma boa interpretação e compreensão do livro, foi elaborada uma pequena ficha de leitura. A partir desta exploração foi, também, possível realizar uma atividade de expressão artística – “Todos diferentes, mas todos iguais”. Nela, os alunos elaboraram um pequeno hipopótamo articulado e decoraram-no da forma que queriam, demonstrando que todos temos gostos e preferências diferentes, mas que juntos formamos algo incrível (Figura 7). Ao questionar os alunos acerca das atividades que mais tinham gostado de realizar, percebi que esta foi uma delas, havendo, até crianças que a realizaram em casa com as suas famílias.

A segunda atividade que gostaria de destacar partiu do livro infantil “O rato que cancelou o Natal”, de Madeleine Cook. Embora não fosse indicado para aquela faixa etária, revelou-se um bom recurso literário para abordar com as crianças os medos que poderiam ter, bem como qual a melhor forma de os enfrentarem. De forma a iniciar a atividade, foi pedido aos alunos que descrevessem a capa e o título do livro, dando sempre a sua opinião acerca daquilo que consideravam ser o tema e o desenrolar da história. Sucedeu-se, então, a leitura do livro, o seu reconto e uma nova discussão sobre o que entenderam da história. Na segunda parte da atividade ocorreu, novamente, a resolução de uma ficha de leitura, de forma a estimular o desenvolvimento da interpretação e compreensão da história escutada. Com base neste livro, ocorreram momentos de partilha de como poderia o seu personagem principal ajudar o Pai Natal a fazer o melhor Natal de sempre, chegando-se à conclusão de que seriam necessários muitos duendes para o ajudar. Com esta pequena discussão, foi possível fazer interdisciplinaridade com a área da Expressão Artística, elaborando a atividade “Pequenos ajudantes do Pai Natal”, ao fazer pequenos duendes, com as faces das crianças, para decorar a porta de entrada (Figura 8). Ao longo destas tarefas, e após questionar, novamente, os alunos, percebi que estavam muito interessados na sua realização, considerando o livro muito divertido e fazendo-os pensar nos seus medos e na razão para os terem.



Figura 8 - Atividade "Todos diferentes, mas todos iguais"



Figura 7 - Atividade "Pequenos Ajudantes do Pai Natal"

Avaliação do projeto de estágio desenvolvido

A avaliação do projeto de estágio desenvolvido foi algo que procurei fazer durante todo o estágio, de modo a compreender se haveria algum aspeto que poderia ser melhorado ou até mesmo alterado. Esta avaliação foi feita por meio de observação direta, grelhas de avaliação, fichas de trabalho realizadas pelos alunos e feedback proveniente das crianças e da professora cooperante, dando, sempre, grande relevância à opinião das crianças, já que as atividades estavam a ser planeadas para o sucesso das suas aprendizagens e para colmatar algumas das suas dificuldades. Com as novas ideias recolhidas, foi possível alterar algumas atividades implementadas, indo ao encontro das necessidades e interesses das crianças.

Tendo em conta que a turma apresentava diferentes níveis de aprendizagem, foi necessário planificar atividades que pudessem ser executadas por todos os alunos, tanto individualmente, como a pares. Ao longo das mesmas, fui percebendo que os alunos foram demonstrando cada vez mais interesse, participando ativamente nas tarefas, bem como nas discussões acerca do trabalho desenvolvido, apesar de alguns terem atingido mais objetivos do que outros.

No decorrer deste projeto encontrei alguns desafios, como, por exemplo, a gestão do tempo e a interligação entre atividades. A gestão do tempo, pois no início da sua implementação tive algumas dificuldades em orientar o tempo destinado a cada uma das atividades e a cada uma das áreas, fazendo com que, por vezes, necessitasse de parar por um momento e tentar perceber como poderia ultrapassar tal adversidade. Já a dificuldade na interligação das tarefas, deveu-se ao facto de não conseguir encontrar um “fio condutor” que ligasse uma atividade a outra e que todo o trabalho desenvolvido fizesse sentido para as crianças. Considero que tais desafios foram ultrapassados tanto com a ajuda da professora cooperante, que esteve sempre disposta a auxiliar no que fosse necessário, como das crianças, pois ao perceberem estas dificuldades tentavam ao máximo ajudar e participar nas tarefas propostas.

À medida que os alunos iam realizando as tarefas acerca da interpretação e compreensão das diferentes histórias infantis, era notória a evolução que iam fazendo desde a primeira ficha de leitura elaborada, mostrando ter adquirido os conhecimentos e as aprendizagens pretendidas com todo o projeto.

Durante a minha intervenção, percebi que a avaliação das crianças ao longo das atividades é muito importante, visto que é através dela que conseguimos entender se aquilo que propomos está ou não a ser uma mais-valia para a turma e se os alunos estão a evoluir nas suas aprendizagens. Ao mesmo tempo, as planificações iniciais que elaboramos são muito importantes para o desenrolar do trabalho, devendo, nós professores, estar sempre muito atentos àquilo que as crianças nos dizem, mesmo que

de forma indireta, pois, melhor do que ninguém, sabem quais as formas mais adequadas para desenvolverem as suas aprendizagens.

1.4. Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º Ano de Escolaridade

Caracterização da instituição

O período de estágio ocorreu na mesma instituição onde decorreram as PES de Jardim de Infância e de 1.º ciclo do Ensino Básico – 2.º ano de escolaridade, pelo que a caracterização da instituição é igual à realizada nos dois últimos subcapítulos.

Caracterização da turma

A turma com a qual trabalhei no decorrer deste período de estágio era constituída por 23 alunos, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, dos quais 13 eram do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Dela faziam parte 10 alunos com nacionalidades que não a portuguesa (5 alunos eram provenientes de Angola e 5 do Brasil).

Esta turma possuía um número menor de alunos do que o habitual devido à presença de um estudante diagnosticado com autismo. Este aluno não apresentava dificuldades significativas na aprendizagem, mas recebia apoio regular de uma professora de educação especial. Este apoio tinha como objetivo ajudá-lo a manter a sua atenção e concentração durante as aulas e na realização das tarefas, dado que, por vezes, se recusava a continuar o trabalho após compreender os conteúdos abordados.

O grupo era composto por alunos com idades bastante variadas, devido a algumas retenções em anos anteriores. No entanto, esta diversidade não era um obstáculo para as suas aprendizagens, sendo até benéfica para os alunos, pois promovia uma troca de experiências e cooperação entre todos.

Alguns dos alunos apresentavam dificuldades de aprendizagem, sendo o trabalho a pares uma das estratégias utilizadas para as colmatar, algo que, mais tarde, foi o ponto de partida para a realização do projeto de estágio. Existiam, ainda, algumas crianças com dificuldades ao nível da linguagem, frequentando terapia da fala.

Ao observar o dia a dia da turma, foi possível constatar que os alunos apresentavam alguns pontos fortes como a capacidade de entreajuda, a motivação e entusiasmo que colocavam em todas as tarefas propostas, querendo sempre fazer mais e melhor. Observei, também, que alguns dos alunos tinham dificuldades de concentração e em cumprir as regras da sala de aula, o que, por vezes, dificultava o “desenrolar” do trabalho.

Caracterização do ambiente educativo

A sala estava dividida por várias zonas, todas interligadas entre si. Todas estas zonas podiam ser alteradas, pela professora titular de turma, ao longo do ano letivo conforme as necessidades e preferências dos alunos.

A sala continha doze mesas organizadas da forma convencional, viradas para os quadros, a pedido das crianças, estando, anteriormente, organizadas em forma de “U”. De frente para os alunos, estava a secretária da professora, situada de forma estratégica para prestar auxílio ao aluno com necessidades educativas especiais e para ter uma visão total sobre a turma, prestando-lhe mais atenção.

De frente para as mesas, estavam os quadros de giz e interativo, que auxiliavam o quotidiano dos alunos e onde eram projetados os manuais, fichas de trabalho e todos os materiais digitais necessários ao longo das atividades. No quadro de giz estava escrita a data, alterada todos os dias. Ao lado deste quadro, encontrávamos um painel com um calendário e um horário da turma, onde eram anotadas todas as atividades a serem realizadas, estando, também, alguma informação acerca da turma. Na parede atrás das mesas, existiam um quadro e duas cordas, onde eram expostos alguns trabalhos dos alunos, e duas estantes que eram utilizadas para a arrumação dos manuais escolares.

A sala tinha, ainda, uma zona de higienização e vários armários que serviam para a arrumação dos materiais de apoio às aulas, como materiais didáticos, de pintura, de desenho e de colagem.

A rotina da turma tinha por base um horário, elaborado no início do ano letivo. Este poderia ser alterado, consoante as necessidades e propostas de atividades a desenvolver, havendo dias onde se trabalhava apenas uma das áreas ou em que havia interdisciplinaridade. O dia iniciava às 9 horas da manhã, com o acolhimento dos alunos por parte da professora, havendo um momento de partilha de acontecimentos ocorridos nos dias anteriores. Terminado este momento, e até às 11 horas, ocorriam atividades letivas. Entre as 11 horas e as 11h30min, era tempo de intervalo. Até às 12h30min, ocorriam, novamente, atividades letivas, sendo seguidas pelo período de almoço. Após o almoço, as crianças deslocavam-se, mais uma vez, para o interior da sala para o tempo letivo. No final do dia ocorria a marcação dos trabalhos de casa e uma pequena conversa acerca de todos os acontecimentos do dia.

Ao observar a turma e em conversas com a professora cooperante, percebi que existia uma boa relação entre as famílias e a docente, embora houvesse uma grande dificuldade em comparecerem na escola sempre que tinham alguma dúvida ou preocupação. Havia, também, uma relação muito afetuosa entre os alunos e a professora, demonstrando respeito mútuo e carinho uns pelos outros. Estas relações

demonstraram ser muito importantes para o bom “funcionamento” da sala de aula e de todas as atividades.

Projeto de estágio desenvolvido

O projeto “Aprender em equipa” surgiu após a observação de que a professora cooperante recorria, regularmente, ao trabalho entre pares. Ao longo do mesmo, percebeu-se, também, que os alunos não sabiam trabalhar daquela forma, não gostando, ao mesmo tempo, de partilhar os materiais e todo o trabalho desenvolvido com os outros. A partir daí, nasceu este projeto de trabalho em equipa como forma de colmatar estas dificuldades.

O seu principal objetivo foi promover contextos de cooperação, partilha e colaboração, assim como o desenvolvimento de comportamentos adequados aos mesmos. Com o objetivo geral definido, foi necessário pensar nas aprendizagens significativas que seriam importantes para o desenvolvimento dos alunos. Assim, foram definidos os seguintes objetivos específicos: desenvolver o uso de diferentes tipos de linguagens (contexto de trabalho em grupo *versus* contexto de apresentação); saber utilizar instrumentos diversificados para pesquisar informação; estimular a colaboração e participação no decorrer dos trabalhos em grupo, assim como na apresentação dos mesmos; promover o uso da reflexão individual, de forma a prever e a avaliar o impacto das suas decisões para o grupo; promover a interação com tolerância, empatia e responsabilidade dentro e fora do grupo e estimular a aceitação de opiniões diferentes.

Este projeto foi planeado para ter uma duração de quatro semanas, tendo diversas atividades inseridas na abordagem de alguns conteúdos programáticos. De todas elas, destaco apenas duas. A primeira, “Vamos às compras”, teve como ponto de partida um novo conteúdo programático – o dinheiro. Aqui, a turma foi dividida em pequenos grupos e foi pedido que, com uma determinada quantia, fossem “às compras” e explicassem aos restantes colegas o que compraram, quanto gastaram e qual a quantidade de dinheiro que sobrou (Figura 9). Através desta, foi possível trabalhar os conceitos de orçamento, receita, despesa e saldo, sendo, também, bastante benéfico para a consolidação dos algoritmos da soma e da subtração com números decimais. No meu ponto de vista, esta foi uma das atividades, de todo o projeto, que decorreu da melhor forma, pois foi notável todo o empenho dos alunos na sua concretização, bem como na sua apresentação. Ao observar a sua realização, consegui perceber que muitas das crianças já tinham a capacidade de selecionar o que se devia ou não comprar, fazendo uma pequena reflexão com os colegas e explicando quais os produtos mais importantes para adquirirem.

A segunda atividade que destaco partiu da exploração daquilo que são os fenómenos físicos naturais. Para isso, procedeu-se à realização de uma atividade experimental – “Uma aventura explosiva” - que tinha como principal objetivo explorar uma maquete de um vulcão, elaborada previamente por mim, e perceber como ocorre uma erupção vulcânica (Figura 10). Já divididos em pequenos grupos, os alunos exploraram o guião da atividade experimental e foram encaminhados para o recreio exterior da escola, de forma a realizar a tão esperada erupção vulcânica. Este foi um processo realizado com o auxílio de algumas crianças, de forma a estarem também elas envolvidas. No decorrer desta atividade, fui questionando os alunos acerca daquilo que estavam a sentir, obtendo respostas de que estavam a gostar bastante da atividade e que deveríamos fazer mais atividades daquele género e no espaço exterior da escola. Assim, julgo que todas as atividades aqui apresentadas foram muito benéficas para as aprendizagens dos alunos que demonstraram ter alcançado todos os objetivos do projeto.



Figura 9 - Atividade "Vamos às compras"



Figura 10 - Atividade "Uma Aventura Explosiva"

Avaliação do projeto de estágio desenvolvido

Toda a avaliação do projeto desenvolvido foi feita ao longo das quatro semanas de intervenção. À semelhança do projeto anterior, teve por base a observação direta das aprendizagens dos alunos, o registo fotográfico das atividades, as fichas de trabalho realizadas pelos alunos, as rubricas de avaliação e o feedback das crianças e da professora cooperante. Estes instrumentos de avaliação permitiram, então, aferir a aquisição de novos conhecimentos e competências por parte dos alunos, permitindo, também, adaptar toda a minha prática.

Sendo um projeto direcionado para o trabalho em grupo, por vezes, aquilo que estava planificado não ocorria da forma esperada, sendo necessário parar e voltar atrás para resolver conflitos e perceber qual a melhor forma de ultrapassar as adversidades.

Inicialmente, os alunos não demonstraram muito empenho na resolução de todas as tarefas propostas, havendo bastantes desentendimentos entre todos. Tais

acontecimentos deixaram-me um pouco receosa e reflexiva, pensando se aquilo que estávamos de facto a fazer era proveitoso para a turma ou se seriam apenas momentos em que não aproveitavam o tempo de aprendizagem. Para entender o que de estava a acontecer com os alunos, no final de cada atividade, questionava o porquê de determinado desentendimento ter ocorrido e quais as formas que poderíamos utilizar para que não voltasse a acontecer. Estas conversas mostraram-se muito eficazes na resolução de conflitos, uma vez que cada uma das crianças explicava o seu ponto de vista, chegando-se a uma conclusão adequada.

Ao longo da implementação das atividades, fui-me questionando quais as melhores estratégias que poderia utilizar para que as crianças sentissem que o trabalho em grupo é uma das melhores formas para se aprender, sendo ele um ótimo recurso para ajudar e perceber as dificuldades e necessidades do outro. Julgo que todo o projeto foi bem conseguido e que os alunos atingiram os objetivos propostos, deixando-me orgulhosa por todo o trabalho desenvolvido.

Parte II – Processo de aprendizagem

Nesta segunda parte, pretendo refletir acerca dos conhecimentos, aprendizagens e competências adquiridos no decorrer de todo o meu percurso acadêmico, bem como de todas as dificuldades sentidas e as formas encontradas para a superação das mesmas.

Em todo o meu percurso acadêmico tive a oportunidade de trabalhar com diferentes profissionais e crianças, onde cada um deles contribuiu para o meu desenvolvimento enquanto futura profissional de educação.

A primeira prática educativa, em contexto de creche, foi algo desafiante, pois nunca tinha trabalhado com crianças com idades tão pequenas e não sabia que tipo de atividades poderia implementar com elas. Embora antes desta prática tenha frequentado unidades curriculares que me deram a conhecer todo o processo de desenvolvimento/aprendizagem de uma criança e atividades para promover esse desenvolvimento, quanto cheguei à sala de creche, não me sentia muito confiante em implementá-las com aquele grupo de crianças. Isto, pois compreender todos estes aspetos na teoria não é o mesmo de quando se chega à prática. Nela, deparei-me com um grupo de crianças com idades bastante diferentes e, como consequente, com níveis de desenvolvimento também eles muito diferentes, o que me fez questionar como poderia elaborar atividades que fossem desafiantes e interessantes para todas as crianças presentes. Antes de planificar qualquer atividade, tentei perceber qual a estratégia utilizada pela educadora cooperante perante este facto. Para isso, em todas as atividades por ela efetuadas, observava tudo o que me rodeava e, quando terminadas, questionava-a de qual a melhor forma de interagir e agir perante crianças tão pequenas e com idades tão diferentes.

Através destas observações e dos diversos questionamentos foi-me possível entender que o mais importante não é planificar diferentes atividades para as diferentes idades, mas sim que a própria criança seja agente do seu processo educativo, tendo o educador um papel de mediador, onde proporciona vivências enriquecedoras e que promovem o bem-estar, a segurança, a autoestima e a tranquilidade das crianças. Assim, encontrei estratégias para a minha prática, que passaram por permitir que as crianças explorassem todas as atividades, mas sendo planificadas para níveis de desenvolvimento superiores, pois permitiu que eu e elas próprias percebêssemos aquilo de que realmente eram capazes, superando, muitas das vezes, as nossas expectativas.

No contexto de jardim de infância, sinto que a minha maior dificuldade foi a avaliação das crianças. Antes de iniciar o estágio neste contexto, pensei em como se poderia avaliar as crianças sem ter ao meu dispor algo palpável (fichas de trabalho, testes de avaliação, entre outros) para avaliar. Para ultrapassar esta dificuldade, foi

necessário fazer bastante pesquisa para entender realmente o conceito de avaliação e como é que esta auxilia não só educadores, como, também, as próprias crianças. Na educação pré-escolar, quando se avaliam as crianças, não estamos apenas a fazer uma triagem daquelas que devem ou não passar à próxima fase de ensino, estamos sim a “adequar o desenvolvimento do currículo às necessidades da criança, de modo a que esta possa evoluir e aprender (...)” (Cardona et al., 2021, p. 15). Observar a forma como a educadora fazia a avaliação do grupo também me ajudou muito a perceber qual a melhor forma de o fazer nas atividades a implementar. Assim, compreendi que a avaliação pode ser efetuada de diversas formas, devendo nós, educadores, perceber quais as que melhor se adequam ao grupo de crianças, às atividades a implementar e aos objetivos que pretendemos que as crianças atinjam com essas atividades, tal como destacam as OCEPE:

Através de uma avaliação reflexiva e sensível, o/a educador/a recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução, falar com as famílias sobre a aprendizagem dos seus/suas filhos/as e tomar consciência da sua ação e do progresso das crianças, para decidir como apoiar melhor o seu processo de aprendizagem (Silva *et al.*, 2016, p. 14).

Outro aspeto que tive em atenção ao longo desta prática, foi a planificação e implementação de atividades que fossem ao encontro das necessidades das crianças. Para tal, no seu início, ocorreram momentos de diálogo com o grupo para perceber quais os seus interesses, dificuldades e necessidades e quais as atividades que mais gostavam de fazer e porquê. Com este feedback, foi possível elaborar tarefas que fossem enriquecedoras para as aprendizagens das crianças, tendo visto algum desenvolvimento das mesmas. Considero que estes diálogos iniciais foram, também, muito importantes para a minha prática, visto que através deles fui capaz de planificar momentos de grande aprendizagem, o que fez com que as crianças conseguissem entender qual o motivo de eu ali estar, bem como a minha disponibilidade para as ajudar e apoiar em tudo o que fosse necessário.

Na primeira prática em contexto de 1.º ciclo do ensino básico, no 2.º ano de escolaridade, as planificações tornaram-se mais complexas e organizadas por áreas curriculares. Durante este período, as planificações mostraram-se ser a grande base da minha prática educativa, servindo como um “guião” para todo o quotidiano em sala de aula. Nelas, estavam contempladas todas as atividades, os tempos para as realizar, os seus objetivos, a forma de trabalho dos alunos e a avaliação para verificar se os

objetivos iniciais tinham sido ou não atingidos. Embora os tempos para cada atividade estivessem já definidos, creio que a minha primeira dificuldade foi a gestão do tempo, quer pelo facto de as atividades demorarem mais tempo a serem concluídas, quer pela sua rápida execução. Talvez tais situações tenham, também, acontecido devido ao facto de não estar habituada a ser eu a explorar todos os conteúdos programáticos com os alunos, não tendo, inicialmente, a confiança necessária para o fazer. Perante esta adversidade, foi necessário elaborar planificações ainda mais detalhadas com todos os tempos para cada momento e estudar muito bem cada conteúdo a ser abordado com os alunos, de forma a sentir-me segura no que estava a fazer, transmitindo tranquilidade, também, aos alunos. Ao utilizar estas estratégias, a dificuldade inicial, rapidamente, se tornou numa das aprendizagens mais importantes para a minha prática profissional.

A última prática educativa, em contexto de 1.º ciclo do ensino básico com uma turma do 4.º ano de escolaridade, foi aquela em que me senti mais realizada a concretizar. Apesar de não ser uma turma fácil de trabalhar, foi a que mais me ensinou ao longo do tempo. É certo que ocorreram alguns momentos de maior dificuldade, mas sinto que foram colmatados sempre com a ajuda de todos os alunos e da professora cooperante. Um desses momentos de dificuldade foi relativo à gestão do grupo. Dentro da turma, existiam alguns alunos que eram desafiantes quanto ao seu comportamento em sala de aula, algo que, numa primeira análise, me fez refletir acerca da melhor forma para contornar esse “problema”. Para isso, estabeleci alguns limites com os alunos, permitindo apenas, por exemplo, que falassem colocando o dedo no ar ou que se levantassem na sala de aula só com a minha permissão. Inicialmente, como os alunos não estavam habituados a ser eu a delinear as regras, foi um desafio fazer com que as cumprissem, mas, aos poucos, foram percebendo que as suas aprendizagens seriam ainda mais positivas se colaborassem comigo. Durante a implementação do projeto, com o tema principal “o trabalho em grupo”, tentei ao máximo formar grupos com alunos que não estivessem habituados a trabalhar juntos. Inicialmente, não sabia muito bem como poderia encorajar os alunos a comunicar uns com os outros e a partilhar ideias e perspetivas, pelo que foi necessário recorrer a alguma pesquisa e a diálogos com os alunos de maneira a encontrar o melhor método de trabalho. Todo esse processo foi uma aprendizagem também para mim, visto que tive de observar toda a dinâmica do grupo, tendo de estudar e organizar muito bem quais as alternativas a utilizar.

Olhando para todo o meu percurso nas práticas educativas, julgo que todas elas me proporcionaram oportunidades incríveis que se revelaram fundamentais para o meu desenvolvimento profissional, dando-me conhecimentos e competências para o meu futuro profissional. Nelas, tive contacto com diferentes abordagens, metodologias e

faixas etárias o que me permitiu ter uma visão mais ampla da educação e de tudo o que dela provem.

No decorrer de todas as práticas de ensino supervisionadas, questionava-me acerca da forma como o envolvimento parental seria importante para todo o desenvolvimento e desempenho das crianças e em como este influenciava as suas aprendizagens. Ao observar o dia a dia dos grupos com os quais estagiei e em diálogos com as educadoras e professoras cooperantes, percebi que alguns/mas pais/famílias não participavam na vida escolar das crianças, o que se refletia no seu desempenho. Assim, surgiu o interesse em estudar e investigar a importância que o envolvimento parental tem em todo o desempenho escolar das crianças.

Parte III – Trabalho de pesquisa: importância do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças

3.1. Objetivos da pesquisa

O tema deste estudo centra-se na problemática de como o envolvimento parental influencia o desempenho escolar das crianças. Este surgiu ao longo das práticas de ensino supervisionadas, onde percebi que a participação das famílias na vida escolar das crianças é fundamental para que se sintam motivadas e “prontas para fazer mais e melhor”. Enquanto futura educadora e professora, considero que tudo o que está em redor da criança influencia a sua educação, sendo a família um dos intervenientes mais importantes.

Como será referido neste capítulo, são diversos os autores que apontam envolvimento parental como um dos pontos-chave para o sucesso escolar das crianças, apontando, também, o/a docente como um dos principais envolvidos no estabelecimento da relação escola-família.

Com o intuito a aprofundar este tema, selecionei algumas questões orientadoras que me auxiliassem ao longo do desenvolvimento do trabalho, de modo a entender de que forma os docentes e as famílias colaboram, quais os constrangimentos/dificuldades e os benefícios dessa colaboração, assim como a contribuição do envolvimento parental para o desempenho escolar das crianças:

- Quais as práticas da/o escola/jardim de infância que facilitam a participação e o envolvimento parental no contexto educativo?
- Quais as práticas dos/as pais/famílias que dificultam a participação e o envolvimento parental no contexto educativo?
- Qual a relação entre o envolvimento parental e o desempenho escolar das crianças?

A partir destas questões orientadoras, delinee os principais objetivos a atingir com o estudo:

- Estudar como a participação dos/das pais/famílias influencia o desempenho escolar das crianças;
- Identificar as práticas educativas que favorecem o envolvimento parental.

Esta terceira parte tem, então, como principais finalidades o aprofundamento dos principais conceitos associados ao tema, a apresentação das opções metodológicas e dos dados recolhidos, a análise dos mesmos, assim como a realização de uma reflexão final acerca de todo o trabalho desenvolvido e das suas implicações no meu desenvolvimento profissional.

3.2. Fundamentação teórica

3.2.1. Definição de conceitos

Antes de se definir qualquer conceito, é importante entender o que significa a palavra “conceito”. A palavra “conceito” tem origem no termo latim “conceptus” que significa “algo concebido” ou “formado na mente” (Maculan & Lima, 2017). Este termo tem diferentes significados, podendo ser entendido como “1. Representação mental, geral e abstrata, de um objeto ou de um conjunto de objetos, (...) 2. Modo particular de conceber e concretizar alguma coisa, (...) 3. Juízo apreciativo (...) 4. Ideia ou princípio moral que se queira transmitir (...)” (Dicionário de Língua Portuguesa, 2008, p. 252).

Família

O conceito de família tem vindo a sofrer algumas alterações ao longo do tempo, isto porque a estrutura familiar está em constante mudança e evolução, tal como afirmam Caniço *et al.* (2010, p. 13), “a família (...) evolui de acordo com culturas, tradição, contexto político, social e económico”.

A palavra família tem origem no termo latim “famulus” que significa servidor, o que não corresponde ao significado atual que lhe é atribuído, não tendo o mesmo enquadramento nos papéis, funções e estruturas da noção de família moderna (Leandro, 2006).

Wall *et al.* (2013), apresentam o conceito de família como tendo diversos sentidos. Afirmam que a família é sinónimo de parentesco, onde as pessoas possuem “laços de sangue ou de aliança” (p.70) entre si, através do nascimento e do casamento. Outro sentido apresentado por estas autoras é o de que a família pode ser entendida como um conjunto de pessoas que fazem parte do mesmo agregado familiar. Este pode ser constituído por uma única pessoa ou por várias, com ou sem grau de parentesco. O conceito pode, ainda, ser entendido de uma forma mais abrangente, onde é o próprio indivíduo que escolhe quem faz parte da sua família, estabelecendo laços de amizade, afeto ou com a vizinhança.

À semelhança das autoras referidos no parágrafo anterior, Giddens (2008) define o conceito de família como sendo “um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças” (p. 175). Afirma, ainda, que esses laços de parentesco são uma ligação estabelecida entre as pessoas das “linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos” (p. 175), como, pais, filhos e avós.

Por outro lado, Minuchin & Fishman (2004) consideram a família como um sistema complexo, dividido em “subsistemas mais amplos: a família extensa, a vizinhança, a sociedade como um todo” (p. 30).

A família é, então, segundo Festas (1995, p. 412), “a unidade básica, onde são transmitidos e vividos os valores essenciais ao desenvolvimento harmonioso do indivíduo, tornando-se assim pessoa; valores esses, também vitais para a capacidade de viver em relação com os outros, tornando-se um ser social”.

Foram muitos os fatores que influenciaram as alterações da estrutura e dinâmica familiar ao longo do tempo, entre os quais fatores económicos, tecnológicos, políticos, sociais, demográficos e culturais (Dias, 2011). Todos eles contribuíram para que houvesse diminuição do número médio de filhos, diminuição da fecundidade, aumento dos divórcios, que, por conseguinte, levou ao aumento das famílias recompostas, e, mais recentemente, o aumento de famílias homossexuais. Esta evolução tem originado novos tipos de famílias com as suas próprias identidades e constituídas por pessoas com “laços de sanguinidade, de afetividade ou interesse e que convivem por um determinado espaço de tempo durante o qual constroem uma história de vida que é única irreplicável” (Dias, 2011, p. 143)

Assim, segundo Dias (2011), existem seis tipos de famílias:

- **famílias nucleares**, formadas por dois adultos, de géneros diferentes, e os seus respetivos filhos biológicos ou adotados;
- **uniões de facto**, semelhantes ao casamento, onde não existe qualquer tipo de contrato escrito;
- **uniões livres**, idênticas às uniões de facto, mas sem que exista a ideia de formar família através de contratos;
- **famílias recompostas**, constituídas por uma nova união matrimonial havendo filhos de casamentos ou ligações diferentes, podendo ocasionar meios-irmãos;
- **famílias monoparentais**, compostas pelo pai ou pela mãe e os seus filhos, sendo famílias fruto do divórcio, viuvez ou da própria escolha dos progenitores;
- **famílias homossexuais**, formadas por duas pessoas do mesmo género, com ou sem filhos.

Todas estas alterações têm impacto na vida familiar. Se as famílias tiverem dificuldades na adaptação, acabam por criar um ambiente em crise, gerando problemas aos seus membros e tornando todo o apoio prestado aos filhos mais vulnerável (Dias, 2011). Este apoio vulnerável pode trazer consequências a todo o processo educativo das crianças, sendo o mais afetado o desenvolvimento de novas aprendizagens.

São diversos os autores que salientam a importância da família em todo o desenvolvimento da criança, visto que é nela que o ser humano se desenvolve interagindo com o outro, sendo, posteriormente, introduzido noutros ambientes que darão continuidade à sua socialização (Melo, 2015). É através do contacto com o pai e com a mãe que a criança se desenvolve e expressa os seus sentimentos, tem as primeiras recompensas e punições e tem a primeira imagem de si própria (Souza & Filho, 2008, citado por Melo, 2015).

É na família que se educa para os valores, através de uma vivência em verdade, ela é pois, a primeira escola de formação do Homem, onde nascem as relações fundamentais de fraternidade e de solidariedade e onde se interiorizam valores relacionados com o respeito, a liberdade e a responsabilidade (Festas, 1995, p. 413).

Envolvimento parental

Este conceito é definido de diversas formas por diversos autores. Grolnick e Slowiaczeck (1994), citados por Mata & Pedro (2021, p. 12), definem o envolvimento parental como o “conjunto de comportamentos e atitudes dos pais, através dos quais estes mobilizam e disponibilizam aos filhos recursos educativos em domínios específicos”.

Já Soares *et al.* (2004), ao citarem Ferhaman *et al.* (1987), entendem que o envolvimento parental são todas as interações que advêm da realização dos trabalhos escolares em conjunto com as crianças, bem como de todo o encorajamento e reforço positivo dados ao longo de todo o trabalho realizado.

Sarmiento (1992), citado por Cardona *et al.* (2013), afirma que este envolvimento deve estar presente tanto em casa, como na escola ou até na comunidade, sendo entendido como “todas as formas” de os pais participarem nas atividades escolares das crianças. Segundo Cardona *et al.* (2013), o envolvimento parental pode ser definido de duas formas, a primeira mais centrada nas instituições de ensino e a segunda no ponto de vista das famílias. Assim, e de acordo com as mesmas autoras, o envolvimento parental é “o conjunto de esforços realizados pela instituição educativa para envolver os pais a participarem mais na vida escolar” (p. 22), sendo descrito, do ponto de vista das famílias, como “toda e qualquer forma de envolvimento dos pais nas ações dos/as profissionais relacionados com as crianças” (p.22).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) (2011), refere que o envolvimento parental são todas as relações formais e informais

que existem entre a família e as instituições educativas, mencionando, ainda, que este envolvimento é tanto um direito fundamental como um dever. A família tem, então, o direito de ser informada, de participar e de comentar as principais decisões relativas às suas crianças. Em conformidade com esta organização, Marujo *et al.* (2010, p. 11) defendem que “o envolvimento de pais e mães na educação escolar dos filhos é um direito, tanto como uma responsabilidade e um valor”.

Existem diversos modelos e tipologias que permitem caracterizar os vários tipos de envolvimento parental, sendo o mais completo o de Epstein (1987). Esta autora, citada por Marques (1993), defende que existem cinco tipos de envolvimento parental, que devem ser vistos de forma conjunta, permitindo aos pais a escolha de um deles:

- **ajudar os filhos em casa:** os pais têm a responsabilidade de satisfazer as necessidades básicas das crianças, tais como alimentação, saúde, vestuário e habitação;
- **comunicar com os pais:** as instituições de ensino devem informar os pais acerca das dificuldades e progressos das crianças, bem como das atividades escolares;
- **envolvimento dos pais na escola:** inclui o apoio voluntário dos pais na escola, nas reuniões de pais, na preparação de festas e visitas de estudo e no apoio a alunos com maiores dificuldades de aprendizagem;
- **envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem, em casa:** os pais devem participar na realização dos trabalhos de casa e de apoio ao estudo dos seus filhos;
- **envolvimento dos pais no governo das escolas:** os pais devem ter influência na tomada de decisões, participando através das Associações de Pais ou Conselhos Executivo e Pedagógico.

3.2.2. O trabalho com as famílias na Educação de Infância e na Escola

Infelizmente, e durante muitos anos, a relação escola-família foi, no nosso país, uma relação essencialmente negativa: a escola só chamava os pais quando os filhos estavam a ter problemas, só os convidava para atividades em que não tinham mais do que o papel de espetadores (Marujo *et al.*, 2010, pp. 148 e 149).

Por sua vez, a família apenas se relacionava com a escola quando tinha alguma insatisfação quanto aos métodos, conteúdos e resultados escolares das crianças, “estando ausente aquando das poucas convocatórias que a escola fazia” (Marujo *et al.*,

2010, p. 149). Felizmente, hoje, famílias e docentes sentem que devem trabalhar em equipa, de forma a potenciar o sucesso das crianças.

Analisando esta relação, e considerando que “a educação possui um carácter eminentemente social que lhe advém da existência de vários atores sociais com funções educativas (...)” (Costa, 1998, p. 09, citado por Sousa & Sarmiento, 2010, p.148), torna-se essencial perceber que a educação não compete apenas aos pais, mas, também, à escola e a toda a comunidade em redor da criança. Embora a educação seja uma tarefa de toda a sociedade com quem ela convive, a família é, e sempre será, a primeira escola da criança, tendo como principais responsabilidades as de orientar e desenvolver competências que permitam que a criança construa o seu próprio projeto em função das suas capacidades e dos seus sonhos (Sousa & Sarmiento, 2010). As mesmas autoras afirmam, ainda, que é na família “que se desenvolvem as competências para o exercício da cidadania, que se adquire um quadro de referências culturais que servirá de pauta de leitura das relações e interações sociais” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 148).

A família é quem conhece melhor a criança, sabendo os seus gostos, problemas, necessidades e potencialidades (Marujo *et al.*, 2010). Tem, então, o direito de participar no desenvolvimento do percurso educativo das crianças, não só através das informações que lhe vão sendo dadas, como, também, em todos os processos de planeamento e avaliação da prática educativa (Silva *et al.*, 2016). Torna-se, assim, necessário estabelecer uma boa relação entre estes dois importantes intervenientes na vida da criança, já que “a escola não poderá desempenhar verdadeiramente o seu papel se não puder contar com o apoio da família” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 148).

Os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas. As relações com os pais/famílias podem revestir várias formas e níveis, em que se pode distinguir a relação que se estabelece com cada família, da relação organizacional que implica coletivamente os pais/famílias (Silva *et al.*, 2016, p. 28).

Neste sentido, é importante encontrar estratégias que permitam envolver os/as pais/famílias em todo o processo educativo das suas crianças. Marques (1993), afirma que podem ser utilizadas algumas estratégias de envolvimento parental, tanto na educação pré-escolar como no ensino do primeiro ciclo do ensino básico, todas de acordo com a lei de bases do sistema educativo, com investigações realizadas noutros países e com estudos conduzidos em Portugal, tais como:

- **formação de diretores de turma:** os docentes devem ter conhecimentos acerca de estratégias de envolvimento parental. Para tal, seria importante introduzir uma nova disciplina específica sobre “a escola e os pais” ou “a escola e a comunidade” nos currículos da formação inicial de professores. Na formação contínua de docentes também devem ser criados cursos pós-laborais que permitam aos professores exercer funções de diretores de turma, orientadores educativos ou tutores;
- **visitas domiciliárias:** estas têm como principal objetivo que os docentes tenham conhecimento da diversidade cultural dos/as alunos/as. Numa sociedade democrática, estas visitas procuram dar resposta para que a educação seja multicultural e valorize todos os tipos de família e estilos de vida. Ao longo destas visitas é possível ajudar os pais no apoio ao estudo dos/as filhos/as, aconselhando-os e informando-os sobre os progressos e dificuldades das crianças e fazer “educação aos pais” (Davies, 1988, citado por Marques, 1993);
- **a sala dos pais:** estas salas são dirigidas por dois coordenadores, um/a professor/a da escola e um/a encarregado/a de educação, promovendo o convívio entre os pais, a troca de informações entre docentes e famílias, o trabalho voluntário de apoio à escola e a “educação de pais”. Neste local são, ainda, planeadas reuniões de pais, visitas domiciliárias, reuniões com professores, cursos, festas e comemorações (Davies, 1988, citado por Marques, 1993);
- **participação na tomada de decisões escolares:** os pais devem participar na aprovação do regulamento da escola, na seleção das áreas curriculares, da direção da escola e na criação de programas curriculares.

Diversos autores acrescentam ainda algumas estratégias, nomeadamente a realização de reuniões temáticas de pais, festas, teatros, visitas de estudo e entrevistas individuais no início do ano letivo e sempre que for necessário (Avelino, 2005, citada por Sousa & Sarmiento, 2010). Mata & Pedro (2021), defendem que “quando os/as educadores/as querem promover a participação dos pais diretamente no jardim de infância, fazem-no geralmente solicitando a sua presença em reuniões de grupo ou individuais, em eventos festivos ou em tarefas relacionadas com atividades de voluntariado” (p. 70). Quando as famílias participam nos eventos da escola, são criadas diversas oportunidades de contacto informal, que permitem promover conexões emocionais que facilitam a continuação do trabalho e da colaboração no futuro. O voluntariado, por sua vez, ajuda os/as educadores/as e as famílias a trabalhar em

equipa em atividades importantes para todo o desenvolvimento das crianças. Já as reuniões não têm, necessariamente, de ser da responsabilidade apenas do/a educador/a, podendo, também, ser valorizado o papel das crianças, onde auxiliam no planeamento e na divulgação desses momentos (Mata & Pedro, 2021).

Apoiadas nas diferentes estratégias apresentadas anteriormente, Mata & Pedro (2021) referem, também, que existem algumas atividades que se podem propor aos/às pais/famílias que respeitam o seu papel na educação das crianças e, simultaneamente, ajudam o/a docente e o jardim de infância ou escola a promover e potenciar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Assim, destacam quatro atividades importantes para o desenvolvimento integral das crianças: “atividades integradas nas rotinas”; “apoio na recolha de informação ou materiais”; “atividades partilhadas com a criança”; “atividades na comunidade envolvente” (p. 57).

As atividades que estão integradas na rotina familiar permitem aos pais perceberem que contribuem de forma ativa para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, complementando todo o trabalho feito no jardim de infância ou na escola. Estas atividades são consideradas como não intrusivas, já que não é necessário tempo adicional para as realizar, facilitando a sua melhor adesão. Relativamente às atividades de apoio à recolha de recursos, é solicitado aos/às pais/famílias o seu contributo, através de informações específicas (registo das profissões, receita de culinária, entre outros) ou apenas com algum recurso, em projetos ou propostas de trabalhos na sala de aula. Atividades partilhadas com as crianças, permitem desenvolver projetos em equipa (pais/famílias e crianças), podendo, posteriormente, ser apresentadas ao/à educador/a ou professor/a e à turma. Na comunidade envolvente podem existir atividades interessantes para as crianças, podendo o/a docente informar as famílias acerca das mesmas (Mata & Pedro, 2021).

Todos os intervenientes na educação das crianças têm um papel fulcral para o estabelecimento de uma boa relação escola-família. Esta é uma relação que deve ser entendida como uma das principais parcerias para um desenvolvimento pleno das crianças. “Uma parceria implica um acordo de trabalho entre dois ou mais grupos ou pessoas, tendo em conta objetivos comuns” (Mata & Pedro, 2021, p. 22). Para uma parceria se tornar consistente todos nela envolvidos têm de participar, sendo todo o trabalho desenvolvido feito através da colaboração e comunicação eficaz. “Quando profissionais e pais comunicam eficazmente, é mais fácil desenvolver relações de confiança, porque existe maior proximidade e uma melhor compreensão de dificuldades, papéis e objetivos mútuos” (Mata & Pedro, 2021, p. 34).

Cabe, então, ao profissional de educação criar as melhores condições à participação das famílias no contexto escolar, encontrando as melhores formas de articulação e comunicação, criando um ambiente onde os/as pais/famílias se sintam acolhidos/as e escutados/as e incluindo-os/as no processo educativo das crianças (Silva *et al.*, 2016). Da escola é esperado que incentive e promova o envolvimento dos/as pais/famílias através de uma comunicação e colaboração que transmitam confiança e segurança e que permitam o desenvolvimento de relações positivas na educação dos/as alunos/as (Sousa & Sarmiento, 2010).

Por outro lado, e segundo Marujo *et al.* (2010, pp. 12, 13), as famílias têm o papel de: “apoiantes dos professores”, auxiliando a aprendizagem das suas crianças em casa; “aprendizes” ao compreenderem e observarem o comportamento dos seus filhos e ao aprenderem novas formas de educar e ensinar; “professores”, coensinando formas, conteúdos, atitudes e comportamentos; “ajudantes e amigos” sempre que leem histórias, visitam um museu e preparam novos projetos e materiais; “parceiros na construção da política educativa” ao participarem em associações de pais e conselhos consultivos, em que a sua presença é fundamental e desejada. Os/As pais/famílias são, então, “pessoas muito significativas para a criança e são o seu contexto relacional mais próximo”, desempenhando “um papel fundamental de suporte aos desafios que os contextos educativos lhes propõem, no relacionamento com os/as educadores/as e professores/as, com as novas tarefas e com os novos colegas e amigos” (Mata & Pedro, 2021, p. 10). A criança tem, também, um papel fundamental no estabelecimento de uma boa relação entre a escola e a família. Todas as experiências que a criança tem no meio escolar revelam-se bastante influentes no interesse que as famílias têm no processo educativo dos/as alunos/as. Isto acontece, pois quando a criança está no seu meio familiar transmite tudo o que aprende e faz, sendo essa informação motivo de conversa em casa, facilitando as relações familiares. “A criança é assim mediadora entre a escola e a família” (Silva *et al.*, 2016, p. 28).

Apesar de todas as estratégias utilizadas e atividades propostas às famílias, no dia a dia de um estabelecimento de ensino são visíveis algumas dificuldades e constrangimentos criados tanto pelos/as pais/famílias, como pelos/as docentes, escolas ou jardins de infância e crianças (Sousa & Sarmiento, 2010).

Diversos estudos mostram que grande parte das famílias tem interesse em envolver-se no processo escolar das crianças, mas continuam a ter dificuldades neste envolvimento, “por não saberem fazê-lo, porque não têm tempo disponível, ou, ainda, porque estão face a uma escola que não estimula estas práticas (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 152, referindo Marujo *et al.*, 2010). Os/As pais/famílias têm, também, muitas vezes, a opinião de que cabe apenas à escola e aos/às educadores/as e professores/as

a tarefa de educar as suas crianças, atribuindo-lhes todas as competências para tal e abandonando as suas responsabilidades como primeiros educadores. Muitas destas dificuldades devem se, sobretudo, ao facto de pais e professores terem diferentes culturas e valores, de ambos desconhecerem as tarefas e atividades que são elaboradas nos diferentes espaços físicos e de as famílias terem diferentes entendimentos acerca das interações como parceiros de educação relativamente à sua atuação como adultos de referência (Mata & Pedro, 2021).

Os/As docentes, por outro lado, sentem dificuldades um pouco diferentes das famílias. Os/As professores/as criam constrangimentos relativos ao seu receio de aceitarem os pais como parceiros do seu trabalho educativo, pois têm opiniões negativas acerca das competências das famílias para fazerem parte do processo educativo das crianças. Outra dificuldade é relativa às expectativas referentes ao envolvimento dos pais. Estas, têm por “base um modelo ideal de família que, em sintonia cultural com a escola, compreende o seu funcionamento e tem facilidade em participar” (Sousa & Sarmiento, 2010, p.150), algo que, por vezes, não se verifica. Marques (1993), refere, ainda, que os professores continuam a utilizar um vocabulário muito profissional, faltando-lhes empatia e aceitação dos pais. Alicerçados aos constrangimentos gerados pelos docentes estão os criados pelas escolas, onde:

À forma rígida e centralizada de funcionamento, acresce a desadequação dos espaços e dos horários de atendimento aos pais; a falta de um espaço gerido por eles (...); a falta de formação especializada dos professores, sobretudo dos diretores de turma, para se relacionarem com as famílias e as comunidades (...)

(Sousa & Sarmiento, 2010, p. 151).

Como já foi referido anteriormente, a criança tem o papel de mediadora na relação escola-família, sendo um elemento fundamental na comunicação entre ambas as partes. Tal não impede que crie constrangimentos ao dificultar o desenvolvimento dessa relação, alterando mensagens e informações de acordo com os seus interesses e benefícios (Sousa & Sarmiento, 2010).

Quando existe envolvimento parental, são diversas as vantagens e benefícios para todos os intervenientes na educação das crianças. De acordo com Silva (2009): as famílias beneficiam de todo este envolvimento, sentindo-se socialmente valorizadas, aspeto importante nas classes mais desfavorecidas, fazendo com que as associações de pais tenham, também, um maior reforço do seu papel legitimidade social; os docentes têm uma maior satisfação profissional ao perceberem que todo o trabalho desenvolvido,

com famílias e crianças, foi positivo e eficaz; as comunidades envolventes tornam-se aliadas da escola e constroem a sua identidade local. Por fim, este autor defende que aquele que mais beneficia do envolvimento parental é o aluno, pois “quanto mais estreita a relação entre escolas e famílias, maior o sucesso educativo das crianças e jovens” (Silva, 2009, p. 116).

Em concordância com o autor anterior, Mata & Pedro (2021, p.75) afirmam que “a participação dos pais em atividades no Jardim de infância pode ser benéfica em vários aspetos para todos os envolvidos”, destacando alguns desses benefícios para pais, crianças e educadores/as. Os pais beneficiam na medida em que entendem o papel do/a educador/a e de todas as práticas e atividades desenvolvidas, valorizando, também, o seu próprio papel na vida das crianças. As crianças ficam mais próximas das suas famílias, valorizando os seus contributos no seu processo educativo. Ao terem a família mais envolvida aumentam a sua autonomia e responsabilidade, tanto no jardim de infância, como, em casa. Os/As educadores/as com a maior proximidade às famílias tendem a conhecê-las melhor, reconhecendo o seu papel e apoiando as sempre que necessário.

“Não há hoje dúvida que o bom êxito escolar está profundamente relacionado com a participação positiva dos pais na educação dos filhos” (Marujo *et al.*, 2010, p. 148). Esta é uma visão que diversos autores têm acerca de como o envolvimento parental influencia o desempenho escolar das crianças. Um bom envolvimento parental torna as crianças seguras de si mesmas, motivadas, autónomas e responsáveis, pois sentem-se valorizadas e apoiadas pela sua família, sendo cada uma das suas ações importante e com grande significado (Oliveira, 2024). O envolvimento parental está, então, positivamente relacionado com os resultados escolares dos alunos (Henderson, 1987, referido por Marques, 1993). Na mesma perspetiva, Marques (1993) afirma que “quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que colegas com idêntico *background*, mas cujos pais se mantêm afastados da escola”. Sousa & Sarmiento (2010) salientam, ainda, que o tipo de envolvimento das famílias depende sempre das representações que têm da escola, sendo fundamental promover a colaboração (entre escola e famílias), dado que o processo educativo da criança será muito favorecido se houver um grande trabalho em equipa.

Em síntese, considera-se que uma parceria entre a escola e a família pode resultar num bom processo ensino e aprendizagem com maiores probabilidades de sucesso, onde ambas precisam estar conscientes de seu papel social e

participar ativamente das etapas de desenvolvimento do filho (filha) e estudante, de modo a construir sujeitos autônomos e críticos para atuar na sociedade (Oliveira, 2024, p.61).

3.3. Opções Metodológicas

A partir de todas as questões orientadoras e de todos os objetivos definidos para o estudo, optei por utilizar a investigação qualitativa como metodologia de pesquisa. Segundo Pinto *et al.* (2018), a investigação qualitativa tem uma abordagem multimetodológica, o que significa que nela se podem utilizar diversas formas de pesquisa e recolha de dados, como narrativas, documentos, observações diretas, fotografias e entrevistas.

Já Bogdan & Biklen (1994), afirmam que a investigação qualitativa possui quatro características, sendo elas:

- **a fonte direta dos dados é o ambiente natural do participante, onde o investigador é o elemento principal na colheita dos dados:** o ambiente onde os indivíduos estão inseridos é muito importante para entender todas as suas atividades. O investigador deve, então, permanecer nesse ambiente durante um longo período, de forma a entender todas as atividades que lá decorrem;
- **os dados recolhidos são descritivos:** todos os dados são apresentados em forma de texto, tendo o investigador o papel de os interpretar na sua totalidade;
- **os investigadores interessam-se em compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências:** neste tipo de pesquisa, o significado que os participantes dão às suas vivências é o enfoque do estudo;
- **a análise dos dados é indutiva:** a partir dos dados recolhidos, o investigador pressupõe uma conclusão geral.

Assim, neste estudo, recorri à análise de documentos orientadores, artigos científicos, leis e livros, que me permitiram aprofundar conhecimentos acerca da temática. Para entender quais as perspetivas que educadores e professores têm acerca do papel do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças, optei por realizar entrevistas semiestruturadas. De acordo com Pinto *et al.* (2018), este tipo de entrevistas tem um carácter mais aberto, ou seja, as questões são feitas com alguns limites específicos de modo a serem direcionadas ao que se pretende estudar.

O guião da entrevista realizada contém blocos, objetivos específicos, questões e observações. Está, então, organizado em cinco blocos, contendo uma parte introdutória para a legitimação da entrevista:

- **Bloco 1:** identificação dos entrevistados e dos/as grupos/turmas;
- **Bloco 2:** importância do envolvimento parental no processo educativo das crianças;

- **Bloco 3:** formas de envolvimento parental que facilitam a relação de colaboração;
- **Bloco 4:** principais dificuldades na relação de colaboração entre jardim de infância/escola e famílias;
- **Bloco 5:** contribuições das famílias no desempenho escolar das crianças.

Antes da realização das entrevistas a todos os participantes, foi necessário testá-las, de forma a perceber se o guião precisaria, ou não, de alguns ajustes. Foi, então, testado com uma professora do 1.º ciclo do ensino básico, não havendo qualquer necessidade de ajustes.

As entrevistas foram realizadas a seis profissionais de educação (três educadoras de infância e três professoras do 1.º ciclo), sendo gravadas com a sua devida autorização. Antes do início das mesmas, as participantes foram informadas acerca do tema a ser estudado, assim como da confidencialidade dos seus dados. O guião da entrevista encontra-se no Anexo I.

Com todas as entrevistas gravadas, transcrevi cada uma delas, tornando mais fácil a sua observação e análise. Esta transcrição foi feita com recurso a uma tabela conforme os blocos e as questões, de forma a visualizar todas as respostas. Esta grelha encontra-se no Anexo II.

Após o processo de transcrição, seguiram-se a observação e análise de todas as respostas dadas ao longo das entrevistas. Durante a observação dos dados, foi necessário reduzir todo o texto, de forma a que a informação analisada fosse apenas a que se adequava ao estudo, não contendo, por exemplo, exemplos muito longos e específicos.

Por fim, deu-se o tratamento dos dados, onde a informação reduzida foi colocada numa tabela de análise de conteúdo. Esta tabela encontra-se no Anexo III.

Participantes do estudo

Como já foi referido anteriormente, no estudo participaram três educadoras da valência de jardim de infância e três professoras do 1.º ciclo do ensino básico, todas a lecionar no ensino público. Para manter a sua confidencialidade, serão, ao longo da análise e tratamento dos dados, identificadas apenas por letras maiúsculas seguidas de números. As educadoras de infância identificam-se com a letra “E” e as professoras com a letra “P”.

De seguida, apresenta-se uma tabela com informações mais detalhadas acerca de cada uma das participantes, sendo estas referentes ao bloco 1 do guião de entrevista.

Participante	Idade	Habilitações acadêmicas	Tempo de serviço	Idade/ano de escolaridade a lecionar
E1	57 anos	Bacharelato em Educação de Infância Duas Licenciaturas Pós-graduação em Gestão de Bibliotecas Escolares	33 anos	3 a 6 anos
E2	42 anos	Licenciatura em Educação de Infância Doutoramento em Educação	12 anos	3 a 6 anos
E3	31 anos	Licenciatura em Educação Básica Mestrado em Educação Pré-Escolar	7 anos	3 anos
P1	55 anos	Licenciatura em Professores do Ensino Básico	30 anos	4.º ano de escolaridade
P2	33 anos	Licenciatura em Educação Básica Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico	8 anos	3.º ano de escolaridade
P3	44 anos	Licenciatura em Professores do Ensino Básico	20 anos	2.º ano de escolaridade

3.4. Apresentação e Análise dos Dados

À pergunta relativa à importância do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças, todas as inquiridas mencionaram ser esse um dos fatores que mais influencia a motivação das crianças, na escola ou no jardim de infância. “Uma criança que sente que os pais estão envolvidos no que ela faz, no seu desempenho sente-se mais motivada e acaba por ter outra vontade...” (E1), o que “proporciona um ambiente de apoio e até de encorajamento, que ajuda as crianças a desenvolver uma atitude positiva” (E2), “porque a partilha de informações sobre a escola e o meio familiar é fundamental para perceber comportamentos, dificuldades e até potencialidades das crianças” (E3).

Quanto à estimulação deste envolvimento, P1 afirma que é essencial incentivar os pais a participar na vida escolar das crianças, uma vez que “é importante haver uma continuidade do trabalho feito, (...) em casa, o empenho das famílias ajuda (...) a reforçar os conteúdos e a tornar as crianças mais autónomas”. Em concordância, E1 afirma que “se os pais estiverem envolvidos na educação da criança, mais facilmente conseguem perceber algumas dificuldades e lacunas que existem e agir de acordo e colmatar em casa”.

No que diz respeito às estratégias que podem ser utilizadas para facilitar a relação de colaboração entre o/a jardim de infância/escola e as famílias, são dados alguns exemplos considerados, pelas docentes, os que mais as auxiliam a estabelecer uma relação de proximidade com os pais. De entre todos os exemplos dados, a celebração de dias festivos, a organização de reuniões periódicas e a troca informal de informações são os que mais surgiram em resposta a esta questão. Tal como é referido pela E3, convidar os pais e as famílias para festas e atividades na escola e dentro da sala de aula e a troca de informações mais rápidas por mensagem e email, “permite às famílias perceberem todo o trabalho que é desenvolvido pelas crianças”, sendo sugerido, também, que se “envolvam em projetos e pesquisas para que os apresentem a toda a turma, ou até mesmo a toda a escola” (P2). Nestas mensagens e emails, fornecem-se, também, “algumas informações e ajudas na forma como podem ajudar as crianças a ultrapassar alguma dificuldade, em casa” (E2).

Envolver os pais em tarefas que ajudam a escola a preparar todo o ano letivo é, ainda, uma das estratégias utilizadas pela P3 para as famílias participarem na vida escolar das crianças, pedindo a sua participação na “definição das atividades a fazerem parte do plano anual de atividades, as parcerias com a comunidade e os encontros frequentes entre pais e professores”. Com estas estratégias, os pais são, também, beneficiados, no sentido em que “embora não venham à escola todos os dias como os

filhos, fazem também parte da vida da escola” (P1), tornando-se importante “os pais se sentirem próximos e dentro da escola” (P1).

Quando questionadas acerca da realização de reuniões com os/as pais/famílias, a maioria das inquiridas afirma que realiza reuniões no início e no final do ano letivo, havendo algumas no final de cada período ou semestre. Estas reuniões são bastante valorizadas pelas profissionais de educação, no sentido em que é através delas que conseguem “transmitir informações aos pais e às famílias” (E3) e que conseguem “criar uma ligação mais forte com todos eles” (P2). Algumas docentes mencionam, ainda, que quando pretendem transmitir informações a todos os encarregados de educação, preferem realizar reuniões com todos eles em simultâneo, pois consideram que “é nelas que conseguimos ‘tirar’ todas as dúvidas dos encarregados de educação, e não só” (P2). Por outro lado, quando têm como objetivo informar apenas algum encarregado de educação acerca de uma criança em específico, fazem “só com alguns pais, ao longo do ano, para ir dando informações acerca das crianças em específico” (E2).

Relativamente às principais dificuldades na relação de colaboração entre o/a jardim de infância/escola e as famílias, são diversas as adversidades enfrentadas pelas docentes quanto à participação das famílias em toda a vida da escola. É unânime que ultimamente, os pais têm demonstrado um menor interesse na escola, não tendo tempo para interações com as educadoras e professoras, muito devido às novas tecnologias que se apresentam como uma barreira à comunicação familiar, “sinto os pais, com esta questão do digital muito ligados a isso, e a passar um bocadinho a ‘bola’ para a escola depois para tudo o resto” (E1). Ainda no que concerne às novas tecnologias, a E2 aponta uma dificuldade para o facto de alguns pais não terem “acesso às novas tecnologias que considero serem necessárias para a comunicação entre a escola e as famílias”. “A principal dificuldade que sinto é a falta de respostas a emails e a pedidos” (P2), “a maioria dos pais não mostra qualquer interesse em participar nas atividades que lhes são propostas” (P3).

Algumas dificuldades sentidas são, também, relativas à falta de tempo que os pais apresentam para comparecer na escola para saberem informações acerca dos seus filhos, “a principal dificuldade é que os pais apareçam nas reuniões (...), em termos de virem aqui falar comigo ou quererem vir por iniciativa própria, vêm muito pouco (...) eles não contactam para saber informações nem nada” (P1), “não mostrando qualquer interesse naquilo que é feito por todos na comunidade escolar” (P2) Por outro lado, E3 afirma que existem ainda “algumas famílias que gostam de participar e envolverem-se no jardim de infância, mas, ainda, existem algumas que não são muito recetivas e que não têm noção da importância que a sua presença tem na vida escolar das crianças”. “Esta falta de recetividade dificulta a nossa comunicação e conseqüentemente a

imagem que têm da escola” (**E3**), criando “experiências negativas com a escola e que acabam por ter dificuldades em envolverem-se” (**E2**). Todas as inquiridas demonstraram, então, sentir “falta do envolvimento real com os filhos” (**P2**).

Já quanto aos contributos que as famílias podem dar para a melhoria do desempenho escolar dos alunos, **P1** refere que “estarem mais presentes, (...) é uma das principais formas”, apresentando como uma mais-valia o facto de os pais questionarem as crianças acerca do seu dia e das novas aprendizagens, porque “as crianças precisam de ter orientação e de saber que aquilo que elas fazem é importante” (**P1**). Deste modo, envolvem-se “mais pessoalmente e de forma mais presente com as crianças” (**E1**), apoiando-as “em todas as etapas da sua vida escolar” (**E3**). Para **P2**, “os pais contribuem para o desempenho das suas crianças através da comunicação, ao comparecerem na escola quando lhes é solicitado e ao colaborarem nas estratégias que os professores definem”. “Ao participarem nas aprendizagens e nos momentos de estudo estão a potenciar a autonomia e o desenvolvimento das crianças” (**P3**). **P1** finaliza dizendo que “quanto mais apoio das famílias houver e quanto mais trabalharem em parceria com a escola, mais fácil é para o aluno, para a escola e para a própria família”.

Em síntese, todas as educadoras e professoras inquiridas consideram que o envolvimento parental, tanto no meio escolar como no familiar, é benéfico para o desenvolvimento de competências das crianças, fazendo com que se sintam mais seguras e confiantes ao longo de todo o seu processo educativo.

3.5. Considerações finais

Após a apresentação e análise de todos os dados recolhidos, torna-se importante refletir acerca dos mesmos para verificar se deram ou não resposta às questões e aos objetivos definidos para a pesquisa. Ao longo da análise dos dados, foi possível comparar todas as respostas, dadas pelas profissionais de educação, em cada uma das questões, verificando-se opiniões idênticas acerca da importância do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças.

Relativamente à categoria da importância do envolvimento parental no processo educativo das crianças, as profissionais de educação inquiridas têm opiniões bastante semelhantes, considerando este envolvimento como um dos principais motivos para que as crianças tenham mais motivação e empenho em todas as tarefas efetuadas no meio escolar. Sendo a família um dos principais pilares na vida da criança, torna-se essencial que esta participe na sua vida académica, de forma a que o/a aluno/a sinta que a união entre a escola e a família lhe traz diversos benefícios. Sabendo da importância que o envolvimento parental tem na vida das crianças, as docentes consideram, ainda, ser fundamental estimular os/as pais/famílias a participarem cada vez mais nas diversas atividades escolares e em tudo o que está relacionado com o que as crianças fazem na escola, já que, assim, conseguem colmatar qualquer dificuldade que as crianças possam ter.

No que diz respeito às estratégias utilizadas pelas docentes para incentivar os/as pais/famílias a estarem mais presentes, todas as participantes referiram que existem algumas atividades que podem ser feitas para “chamar” os pais às instituições de ensino, sendo as principais a comemoração de dias festivos, a troca de informações de uma forma mais informal, a realização de reuniões periódicas e o pedido de participação na organização do ano letivo, em termos da definição de algumas atividades a serem realizadas e as reuniões entre os pais e os professores.

Ainda na categoria referente às formas de envolvimento parental que facilitam a relação de colaboração entre escola e família, as participantes foram questionadas acerca da frequência com que realizam reuniões com os/as pais/família, sendo a resposta mais dada a de que a realização de reuniões acontece principalmente no início e no final de cada ano letivo, havendo, ainda, algumas reuniões no final de cada período ou semestre. Estas reuniões têm como principal objetivo transmitir informações, aos encarregados de educação, acerca das suas crianças e de eventos ou projetos que irão ocorrer na escola ou na própria sala de aula. A maioria das inquiridas considera que estes momentos são muito importantes para o estabelecimento de relações mais positivas e duradouras entre profissionais de educação e pais/famílias.

Já na categoria relativa às dificuldades enfrentadas na relação de colaboração entre o/a jardim de infância/escola e as famílias, com a análise dos dados, verifica-se que ultimamente os/as pais/famílias têm demonstrado menos interesse em tudo o que está relacionado com atividades escolares, não comparecendo na escola quando lhes é solicitado. As participantes do estudo explicam que uma das maiores dificuldades que enfrentam quanto à participação da família é o facto de que a maioria dos pais afirma não ter tempo para o acompanhamento dos seus filhos na escola, devido aos seus horários laborais. Outra dificuldade apontada é relativa às novas tecnologias, onde algumas inquiridas referem que as tecnologias prejudicam a comunicação familiar, enquanto as restantes afirmam que a dificuldade que advém das tecnologias é devido a alguns pais não terem acesso às mesmas, o que dificulta a comunicação e a relação entre os profissionais de educação e os familiares das crianças.

Por fim, no que se refere às contribuições das famílias para a melhoria do desempenho escolar das crianças, as respostas vão todas ao encontro de que o mais importante é as famílias estarem sempre presentes em todo o processo educativo das crianças, ou seja, logo desde que iniciam as suas atividades escolares. A comunicação é, também, apontada como um dos fatores fundamentais para que as crianças se sintam bem e apoiadas na escola. Através do envolvimento parental, a família está, não só a potenciar o desempenho escolar das crianças, como, também, todo o seu desenvolvimento.

Através da análise de todos os dados recolhidos, considerando os objetivos definidos para esta pesquisa, foi possível estudar de que forma o envolvimento parental influencia o desempenho escolar das crianças e identificar algumas das práticas que as participantes utilizam que beneficiam esse envolvimento. Concluimos que o envolvimento parental é um pilar essencial no desempenho escolar das crianças, já que é através dele que as crianças se sentem mais motivadas e seguras para desempenhar as suas tarefas escolares, desenvolvendo todas as suas capacidades e competências. Foi, também, possível conhecer algumas das sugestões das docentes inquiridas para incentivar a participação dos/das pais/famílias, sendo que os meios “tradicionais” continuam a ser os mais utilizados, como, por exemplo, as reuniões presenciais, não recorrendo muito a meios tecnológicos. Esta questão carece, no entanto, de uma melhor reflexão e aprofundamento. Se por um lado, as famílias têm cada vez menos tempo para participar nas reuniões, e na vida das instituições educativas, o que sugere que os meios tecnológicos possam ser um recurso importante a desenvolver, por outro, não se pode esquecer que o recurso aos meios tecnológicos pode, também, desfavorecer uma maior participação presencial das famílias na vida da escola.

Parte IV – Reflexão final

A realização do presente relatório final de mestrado revelou-se fundamental para a minha aprendizagem e futura prática profissional, no sentido em que através dele tive a oportunidade de refletir acerca de cada uma das práticas de ensino supervisionadas, bem como estudar uma temática com bastante importância na vida das crianças.

Através das práticas de ensino supervisionadas foi possível ter contacto com os diversos contextos educativos, o que me permitiu vivenciar experiências reais de observação, comunicação, partilha e interação com cada uma das crianças e docentes cooperantes e não só. Com estes momentos pude desempenhar o papel de educadora de infância e de professora de 1.º ciclo do ensino básico, aprendendo e desenvolvendo capacidades ao nível das práticas pedagógicas, da implementação de atividades e tarefas, da execução das planificações e da adaptação de cada uma das atividades às crianças e aos/às grupos/turmas.

Ao realizar este estudo, tentei ao máximo procurar bastante informação acerca da importância que o envolvimento parental tem no desempenho escolar das crianças, já que, ao longo dos estágios realizados, percebi que as crianças que eram, devidamente, acompanhadas no seu meio familiar, demonstravam mais interesse nas tarefas a realizar, tanto na escola, como nas pedidas para efetuar em casa.

Escolhida a temática a estudar, o primeiro passo, após a definição das questões orientadoras e dos objetivos de estudo, foi a revisão da literatura, passo este que considero ter sido dos mais desafiantes ao longo de todo o trabalho desenvolvido. Nesta revisão, recorri a diversos autores, que, de alguma forma, já abordaram este tema, fazendo, então, uma ligação de ideias e citações. Este cruzamento de ideias foi, talvez, aquilo em que mais tive dificuldade, uma vez que não conseguia associar, de uma forma coerente, uma opinião de um autor noutra de outro. Refletindo acerca deste exercício, percebo que ultrapassei tal adversidade com o apoio de diversas estratégias, entre as quais a análise de diferentes estudos, de modo a entender como efetuar tal ligação.

A segunda etapa passou pela realização de entrevistas semiestruturadas a seis docentes das valências de pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico. A realização destas foi um dos passos onde senti menos dificuldade, já que todas as docentes inquiridas se mostraram bastante disponíveis para me auxiliarem em tudo o que fosse necessário. Seguiram-se a transcrição e a análise de todos os dados recolhidos. Esta análise suscitou-me, também, algumas dúvidas, pois, “à primeira vista” e, ao observar todas as respostas dadas, não parecia que existissem conclusões que se pudessem retirar e que dessem respostas aos objetivos definidos inicialmente. Contrariamente ao meu pensamento inicial, as respostas às entrevistas acabaram por ir ao encontro dos objetivos definidos.

Este estudo permitiu-me compreender de forma mais precisa que o envolvimento parental contribui positivamente para todo o desenvolvimento das crianças e, em particular, para o seu desempenho escolar. Com ele, adquiri novos conhecimentos, bem como novas estratégias e práticas que poderei utilizar na minha prática profissional. Assim, enquanto educadora de infância e professora do 1.º ciclo do ensino básico, pretendo valorizar e desenvolver estratégias para promover um trabalho de parceria com os/as pais/famílias, criando relações de confiança e colaboração, num ambiente que beneficie o bem-estar e o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

Referências bibliográficas

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E., & Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família – plano de cuidados*. (1.ª edição). Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0196-0>
- Cardona, M. J., Piscalho, I., Uva, M., Luís, H., & Tavares, T. C. (2013). *TODDLER Projeto Europeu: Envolvimento parental na educação das crianças pequenas. Guião de trabalho para profissionais de educação de infância*. (1.ª edição). Psicossoma Editores2. https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/2194/1/Toddler_book_POR_T_nov_UV1.pdf
- Carvalho, A. (2022). *Projeto Educativo de Sala 2022-2023*
- Centro Social Interparoquial de Santarém (Unidade Padre Francisco Manuel Borges), (2022/2023). *Projeto Curricular de Estabelecimento*.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, (19), 139-156. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2011.140>
- Dicionário de Língua Portuguesa. (2008). Editorial Verbo.
- Festas, C. (1995). Família e questões de bioética: a ideia de família em mudança. *Humanística e Teologia*, 16(3), 411-423. <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1995.5926>
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. (6.ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf
- Leandro, M. E. (2006). Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*, 41(1), 51-74. <https://doi.org/10.34632/theologica.2006.1186>
- Maculan, B., & Lima, G. (2017). Buscando uma definição para o conceito de “conceito”. *Perspetivas em Ciência da Informação*, 22(2), 54-87. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2963>
- Marques, R. (1993). *A escola e os pais – Como colaborar?* (4.ª edição). Texto Editora.

- Marujo, H. A., Neto, L. M., & Perloiro, M. F. (2010). A família e o sucesso escolar – Guia para pais e outros educadores. (5.^a edição). Editorial Presença.
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação e Envolvimento das Famílias – Construção de Parcerias em Contextos de Educação de Infância*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação. <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/participfamilias.pdf>
- Melo, J. (2015). A perceção do professor sobre a relação família/escola no processo de aprendizagem da criança. Anais II Conedu. https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_ID2027_31072015104617.pdf
- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (2004). Técnicas de terapia familiar. (1.^a edição). <https://clea.edu.mx/biblioteca/files/original/042d5ead5802c0aa81b54a43364df0d4.pdf>
- OCDE (2011) Starting Strong : early childhood education and care III, Paris: OCDE <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/9789264123564-en.pdf?expires=1727624880&id=id&accname=quest&checksum=946F10B445360B9C5983D122B97DE4D8>
- Oliveira, R. (2024). A participação da família no contexto escolar. Revista PsiPro/PsiPro Journal, 3(2), 55-69. <https://doi.org/10.5281/zenodo.11167940>
- Pinto, I. F., Campos, C., & Siqueira, C. (2018). Investigação qualitativa: perspetiva geral e importância para as ciências da nutrição. Acta Portuguesa de Nutrição, 14, 30-34. https://actaportuguesadenutricao.pt/wp-content/uploads/2018/11/06_Investiga%C3%A7%C3%A3o-qualitativa-Perspetiva-geral-e-import%C3%A2ncia-para-as-Ci%C3%A2ncias-da-Nutri%C3%A7%C3%A3o.pdf
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Ministério da Educação-Direção Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
- Silva, P. (2009). O contributo da escola para a atividade parental numa perspetiva de cidadania [Conference session]. Escola/Família/Comunidade para Uma Sociedade Educativa. <https://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/EscolaFamilia/7-Conferencia.pdf>

- Soares, M. R. Z., Souza, S. R., & Marinho, M. L. (2004). Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo. *Estudos de Psicologia*, 21(3), 253-260.
<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/6725/4358>
- Sousa, M. M. de, & Sarmiento, T. (2010). Escola – família - comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e Desenvolvimento*, (17-18), 141-156.
<https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2010.133>
- Wall, K., Cunha, V., & Atalaia, S. (2013). Família. In J. L. Cardoso, P. Magalhães & J. M. Pais, Portugal Social de A a Z – temas em aberto (pp. 70-78). Impresa Publishing I Expresso.
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22801/1/ICS_KWall_Familia_CLN.pdf

Anexos

Anexo I – Guião de entrevista realizado às docentes

Guião de entrevista aos docentes			
Designação dos blocos	Objetivos específicos	Questões	Observações
<p>Bloco 1 Identificação dos entrevistados e dos grupos</p>	<p>- Caracterizar os profissionais e grupos</p>	<p>1. Qual a sua idade? 2. Quais as suas habilitações académicas? 3. Quanto tempo de serviço tem? 4. Qual a idade/ano de escolaridade com que está a lecionar?</p>	
<p>Bloco 2 Importância do envolvimento parental no processo educativo das crianças</p>	<p>- Identificar a importância do envolvimento parental para as aprendizagens das crianças</p>	<p>5. Considera que o envolvimento parental é importante para o desempenho escolar das crianças? Porquê? 6. Acredita que é importante estimular o envolvimento das famílias no JI e na escola? Se sim, porquê?</p>	
<p>Bloco 3 Formas de envolvimento parental que facilitam a relação de colaboração</p>	<p>- Identificar estratégias promotoras do envolvimento parental no JI e na escola - Caracterizar as reuniões de pais</p>	<p>7. Que estratégias de envolvimento parental utiliza? 8. Costuma fazer reuniões com os pais/famílias? Em que circunstâncias?</p>	
<p>Bloco 4 Principais dificuldades na relação de colaboração entre JI/escola e famílias</p>	<p>- Conhecer as principais dificuldades enfrentadas na participação das famílias;</p>	<p>9. Quais são as principais dificuldades que enfrenta em relação à participação das famílias?</p>	
<p>Bloco 5 Contribuições das famílias no desempenho escolar das crianças</p>	<p>- Entender de que forma as famílias podem contribuir para a melhoria do desempenho e sucesso dos alunos</p>	<p>10. Como é que as famílias podem contribuir para a melhoria do desempenho e sucesso dos alunos?</p>	

Anexo II – Transcrição das entrevistas realizadas às docentes

Inquiridos	Bloco 2		Bloco 3		Bloco 4	Bloco 5
	Questão 5	Questão 6	Questão 7	Questão 8	Questão 9	Questão 10
	Considera que o envolvimento parental é importante para o desempenho escolar das crianças? Porquê?	Acredita que é importante estimular o envolvimento das famílias no JI e na escola? Se sim, porquê?	Que estratégias de envolvimento parental utiliza?	Costuma fazer reuniões com os pais/famílias? Em que circunstâncias?	Quais são as principais dificuldades que enfrenta em relação à participação das famílias?	Como é que as famílias podem contribuir para a melhoria do desempenho e sucesso dos alunos?
Educadoras de infância						
E1	Considero, porque uma criança que sente que os pais estão envolvidos no que ela faz, no seu desempenho sente-se mais motivada e acaba por ter outra vontade... Ao sentir-se motivada, se calhar procura o conhecimento de outra forma.	Claro, se os pais estiverem envolvidos na educação das crianças, mais facilmente conseguem perceber algumas dificuldades ou algumas lacunas que existem e, também, eles próprios poderem agir de acordo e colmatar em casa.	Então, sempre que posso envolvo os pais logo na reunião de início do ano quando falo das estratégias que eu utilizo, a forma como faço as minhas planificações, os objetivos que eu tenho com as mesmas, falo na organização da sala, quais são as competências que pretendo desenvolver logo a partir da organização da sala,	Sim, costumo fazer no início do ano e final, neste caso, dos semestres, estas faço com todos os pais. Ao longo do ano gosto de ir fazendo reuniões individuais, sempre que os pais pedem, mas, muitas das vezes, também sou eu que solicito para eles virem falar um bocadinho do desenvolvimento das crianças.	Ultimamente, muito desinteresse. Sinto os pais, com esta questão também do digital muito ligados a isso, e a passar um bocadinho a “bola” para a escola depois para tudo o resto. É um bocadinho assim que eu sinto ultimamente com os pais	Se calhar é isso mesmo, é envolverem-se mais pessoalmente e de forma mais presente com as crianças e saírem desse mundinho digital em que não conversam uns com os outros. Os pais nem sequer sabem, muitos deles, hoje em dia como é que devem dialogar com os miúdos, porque está sempre tudo no seu mundo.

			<p>para eles perceberem que tudo o que se faz tem um objetivo, um sentido. Envolve sempre que há atividades que os alunos fazem, algum produto final, nem que seja uma canção, uma dramatização, escolher alguns momentos importantes como o Dia da Família, convidar os pais a virem participar nalgumas atividades. O mais importante é envolver os pais nas atividades e, também, dar a conhecer através do que as crianças conseguem produzir o que eles fazem, nem que seja mostrar os seus trabalhos nas vitrines é uma forma de os pais darem valor ao que os filhos fazem.</p>			
--	--	--	--	--	--	--

<p>E2</p>	<p>Claro que sim. Ao ter os pais envolvidos proporciona um ambiente de apoio e até de encorajamento, que ajuda as crianças a desenvolver uma atitude positiva em relação à escola e até, na sua aprendizagem, o que, também, vai contribuir para a sua motivação e resiliência. Até existem muitos estudos que mostram isso tudo. Dizem que o envolvimento parental está associado a melhores resultados académicos, melhores atitudes em relação à escola, havendo menos taxa de abandono escolar. Com a participação dos pais, as crianças sentem que são valorizadas, o que</p>	<p>Sim, o estímulo ao desenvolvimento das famílias tanto no jardim de infância quanto na escola é crucial. As primeiras experiências educativas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Quando os pais estão envolvidos na educação dos seus filhos, estão a desenvolver as suas capacidades de os apoiar ao longo do seu percurso educativo, contribuindo para um ambiente rico e colaborativo em casa.</p>	<p>Eu organizo sempre reuniões periódicas entre os pais, para discutir o desenvolvimento e as necessidades de cada criança. Utilizo, também, alguns aplicativos e plataformas de comunicação para manter os pais informados e para facilitar a nossa interação, aquilo que mais costumo utilizar é o email... Nestes emails vou, também, fornecendo algumas informações e ajudas na forma como podem ajudar as crianças a ultrapassar alguma dificuldade, em casa. Quando existem eventos na escola, tento ao máximo</p>	<p>As principais que faço são sempre no início e no fim do ano letivo. Quando pretendo transmitir alguma informação a todos os pais faço reuniões para que todos fiquem informados da mesma forma e para que se houver alguma dúvida todos fiquem com ela esclarecida. Às vezes faço reuniões só com alguns pais, ao longo do ano, para ir dando algumas informações acerca das crianças em específico.</p>	<p>Acho que o que dificulta mais é o facto de muitos pais terem horários de trabalho que dificultam a sua participação em reuniões escolares ou eventos. Nem todos os pais têm, também, acesso às novas tecnologias que considero serem necessárias para a comunicação entre a escola e as famílias. Existem, ainda, alguns pais que tiveram experiências negativas com a escola e que acabam por ter dificuldades em envolverem-se.</p>	<p>Para mim, estar atento a sinais de dificuldades de aprendizagem ou outras necessidades especiais é o mais importante que as famílias podem fazer. Quando observarem algum sinal de alarme devem contactar com o profissional de educação que acompanha a criança e procurar apoio especializado. No fundo, estar atento a tudo o que a criança faz é o essencial.</p>
------------------	--	---	--	---	--	--

	vai contribuir para o desenvolvimento da sua capacidade em enfrentar desafios quer sejam acadêmicos ou não.		envolver todos os pais e famílias e arranjo sempre algumas atividades que eles possam fazer em casa com os seus filhos.			
E3	<p>Sim, porque a partilha de informações entre a escola e o meio familiar é fundamental para perceber comportamentos, dificuldades e até potencialidades das crianças. Além disso, a as crianças ao perceberem a presença dos pais no seu desenvolvimento escolar poderá ser um fator de motivação para melhorar e/ou desmoralizar comportamentos menos adequados, por exemplo.</p>	<p>Sim, ao estimularmos este envolvimento, as famílias passam a conhecer e a compreender todas as dinâmicas desenvolvidas em contexto de sala/escola, podendo, até, adotar algumas delas em suas casas.</p>	<p>Aquilo que mais faço é convidar os pais e as famílias para festas, eventos e atividades na nossa sala e até na escola. Para transmitir as informações de cada criança troco mensagens e envio fotografias, principalmente com as atividades e trabalhos que são feitos. Tudo isto permite às famílias perceberem todo o trabalho que é desenvolvido pelas crianças no jardim de infância.</p>	<p>As reuniões que faço servem essencialmente para transmitir informações aos pais e às famílias. Costumo fazer algumas ao longo do ano. A que considero das mais importantes é a do início do ano, pois é nela que explico como será a organização da sala, para que serve cada espaço e quais as atividades que pretendo desenvolver com as crianças para estimular diferentes competências...</p>	<p>Algumas famílias gostam de participar e envolver-se no jardim de infância, mas, ainda, existem algumas que não são muito recetivas e que não têm a noção da importância que a sua presença tem na vida escolar das crianças. Esta falta de recetividade dificulta a nossa comunicação e consequentemente a imagem que têm do jardim de infância.</p>	<p>Considero que o mais importante é apoiarem as suas crianças em todas as etapas da sua vida escolar, ou seja, a partir do momento em que entram para qualquer instituição educativa.</p>

Professoras do 1.º ciclo						
P1	<p>Sim, muito importante. Acho que em casa deve haver a continuidade daquilo que se trabalha e se faz na escola, deve haver uma relação entre a escola e a parte familiar, os pais, para que tudo funcione... Porque sozinhos não conseguimos fazer todo o trabalho.</p>	<p>É importante para haver uma continuidade do trabalho feito, porque nós, na escola, muito devido ao extenso currículo, não temos “tempo” para fazer, às vezes, os treinos necessários e, em casa, o empenho das famílias ajuda nesse sentido, ou seja, a reforçar os conteúdos e a tornar as crianças mais autónomas, isto no que diz respeito à parte académica. Na parte social também é importante, porque regras e tudo o que é dado pela família reflete-se na escola.</p>	<p>Uma das estratégias é convidar os pais a virem à escola fazer uma atividade. Este ano letivo, decidimos que a atividade seria feita na biblioteca da escola, em que os pais vêm ler uma história às crianças e, por acaso, até tivemos alguma adesão aqui na turma. Por exemplo, o Dia da Família que é outro momento em que convidamos as famílias a virem à escola e a fazerem parte, porque no fundo, e embora não venham à escola todos os dias como os filhos, fazem também parte da vida da escola. Acho, também, importante convidá-los para virem falar da sua profissão,</p>	<p>Sim, aliás nós temos reuniões de avaliação e de início do ano letivo que fazemos com os encarregados de educação. Ao longo do ano temos todas as semanas um tempinho para receber os encarregados de educação, mas raramente vêm, vem um ou outro muito esporadicamente. Nessas reuniões, vêm mais, mas, ainda assim, às vezes nem 50%. Mas pronto, nas reuniões de avaliação vêm mais, mas nos atendimentos semanais raramente. Também facilitamos quando os pais ou família não podem vir àquela hora que está estipulada.</p>	<p>A principal dificuldade é que os pais apareçam nas reuniões e atividades organizadas por mim ou pela escola. O Dia da Família é aquele em que mais aparecem, pois como já é uma tradição aqui na escola, eles já estão à espera desse dia. Agora, por exemplo, em termos de virem aqui falar comigo ou quererem vir por iniciativa própria, vêm muito pouco. Pronto, nós do primeiro ciclo temos essa facilidade... à entrada ou à saída é mais fácil conversar com os encarregados de educação, mas mesmo assim, muitas vezes tenho de ser eu a contactar para informar,</p>	<p>Ao estarem mais presentes, acho que é uma das principais formas. E, muitas vezes o perguntar... Nós sabemos que há muitas famílias que só se encontram à noite e algumas até já relativamente tarde e que, se calhar, já não têm tempo de estar ali a auxiliar e a acompanhar o trabalho de casa, mas aquela pergunta de: “o que é que fizeste hoje na escola?”; “o que é que aprendeste de novo?; se calhar já mostra à criança que há interesse, e é isso que, às vezes, noto que não tomam qualquer iniciativa e que não têm qualquer interesse. Agora, logicamente que</p>

			<p>tenho feito assim ao longo dos anos algumas atividades nesse sentido para trazer os pais à escola... as crianças gostam muito de ver os pais a virem à escola falar sobre alguma assunto, adoram, também, receber os pais aqui a lerem histórias. Tudo isto para os pais se sentirem próximos e dentro da escola.</p>	<p>Nesses casos eu recebo em qualquer altura, desde que seja avisado previamente, mas mesmo assim, tenho de ser eu a ir falar, no final do dia, acerca de determinado assunto que poucos abordam para saber.</p>	<p>eles não contactam para saber informações nem nada. É assim, nós sabemos que eles também têm as suas profissões, também têm o tempo ocupado, mas...</p>	<p>isto não é na totalidade. Há alguns que não é assim, felizmente, mas vê-se muitos alunos que não têm apoio em casa nesse sentido, ou seja, não acompanham, não querem saber o que fizeram ou o que aprenderam. A maior parte das vezes apenas dizem que querem saber, mas que não têm tempo... acredito, mas as crianças precisam de ter orientação e de saber que aquilo que elas fazem é importante. É assim, muitas vezes, eles vêm para a escola porque são obrigados a vir para a escola, mas eles gostam de sentir que, a mãe e o pai trabalham e que é uma coisa importante. É</p>
--	--	--	--	--	--	--

						<p>importante porque ganham dinheiro para tudo aquilo que é preciso, mas o que eles fazem também é importante e há miúdos que estão completamente desacompanhados e que não se sentem valorizados por aquilo que estão a fazer. Nesse sentido, é aí que as famílias fazem muita falta. Para mim, quanto mais apoio da família houver e quanto mais trabalhem em parceria com a escola, mais fácil é para o aluno, para a escola e para a própria família.</p>
P2	É essencial, caso contrário os alunos não sentem a importância de obterem bons resultados, logo a sua	É muito importante. Haver um sentimento de pertença e de se sentir que os pais conversam com	Normalmente, peço que os pais venham à escola apresentar alguns temas ou as suas profissões. Peço,	Aqui na escola temos o hábito de fazer reuniões no início e no final do ano letivo. Estas reuniões são	A principal dificuldade que sinto é a falta de respostas a emails e a pedidos. Muitos não comparecem nas	Os pais contribuem para o desempenho das suas crianças através da comunicação, ao comparecerem na

	<p>motivação diminuí. O mesmo ocorre para o envolvimento dos mesmos nos trabalhos e projetos, crianças que sentem que a família se importa normalmente são mais empenhadas.</p>	<p>professores e vice-versa, também podendo pontualmente realizar intervenções, cria um sentimento de harmonia entre os dois contextos que é imediatamente sentido pelos alunos.</p>	<p>também, que se envolvam em projetos e pesquisas para que os apresentem a toda a turma, ou até mesmo a toda a escola.</p>	<p>muito importantes para que os pais tenham mais contacto connosco professores e com a escola. Eu, pessoalmente, prefiro fazer mais algumas reuniões ao longo do ano, acho que é nelas que conseguimos tirar todas as dúvidas dos encarregados de educação, e não só, e que conseguimos criar uma ligação mais forte com todos eles.</p>	<p>reuniões, não mostrando qualquer interesse naquilo que é feito por todos na comunidade escolar.</p> <p>Sinto falta de envolvimento real com os filhos, muitos dos pais descuram o seu papel na vida escolar das crianças.</p>	<p>escola quando lhes é solicitado e ao colaborarem nas estratégias que os professores definem.</p> <p>Considero que é impossível apenas a escola desenvolver tarefas de autonomia, responsabilidade e organização, essenciais para o sucesso. Tudo isto tem, também, de ser feito no meio familiar dos alunos.</p> <p>Todo o trabalho desenvolvido na escola deve ser continuado em casa.</p>
P3	<p>Claro que sim. A criança tem a família como estrutura base e como modelo a seguir. Se a família se envolver a criança irá sentir a pertença e a união entre os dois mundos</p>	<p>Sim. Desde sempre que a família faz parte da essência da criança, a escola também passa a fazer parte dela. A participação ativa da família da criança irá dar-lhe estrutura,</p>	<p>Ao longo do ano vou pedindo a participação dos pais e das famílias nos projetos da escola, como, por exemplo, o Dia da Família, a definição das atividades a fazerem</p>	<p>Faço algumas. As reuniões têm muita importância para mim e para os pais dos alunos. Nestas reuniões estabeleço o principal contacto com as famílias. Tento que</p>	<p>A maior parte dos pais não mostra qualquer interesse em participar nas atividades que lhes são propostas ou em aparecer na escola para saber informações acerca das crianças.</p>	<p>O fundamental, para as crianças se sentirem apoiadas, é as famílias estarem presentes em tudo o que fazem. Ao participarem nas aprendizagens e nos momentos de estudo,</p>

	em que vive. Julgo que só com a colaboração destes dois pilares da criança o sucesso será alcançado.	segurança e confiança necessárias para o seu desenvolvimento pedagógico e emocional.	parte do plano anual de atividades, as parcerias com a comunidade e os encontros frequentes entre pais e professores.	exista partilha de informações, tanto da minha parte, como do meio familiar das crianças. Estes momentos são essenciais para construir uma relação mais colaborativa entre a escola e a família.	Não mostram, também, ter tempo para a escola e para as crianças.	estão a potenciar a autonomia e o desenvolvimento das crianças.
--	--	--	---	--	--	---

Anexo III – Análise de conteúdo das entrevistas

Análise das respostas dadas por educadoras e professoras		
Categorias	Subcategorias	Respostas
Importância do envolvimento parental no processo educativo das crianças	Justificação do papel do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças	<p>“uma criança que sente que os pais estão envolvidos no que ela faz, no seu desempenho sente-se mais motivada e acaba por ter outra vontade...” (E1)</p> <p>“proporciona uma ambiente de apoio e até de encorajamento, que ajuda as crianças a desenvolver uma atitude positiva” (E2)</p> <p>“porque a partilha de informações sobre a escola e o meio familiar é fundamental para perceber comportamentos, dificuldades e até potencialidades das crianças” (E3)</p> <p>“em casa deve haver a continuidade daquilo que se trabalha e se faz na escola, deve haver uma relação entre a escola e a parte familiar, os pais, para que tudo funcione...” (P1)</p> <p>“É essencial, caso contrário os alunos não sentem a importância de obterem bons resultados, logo a sua motivação diminui.” (P2)</p> <p>“Claro que sim. A criança tem a família como estrutura base e como modelo a seguir. Se a família se envolver a criança irá sentir a pertença e a união entre os dois mundos em que vive.” (P3)</p>
	Estimulação do envolvimento das famílias	<p>“se os pais estiverem envolvidos na educação da criança, mais facilmente conseguem perceber algumas dificuldades e lacunas que existem (...) agir de acordo e colmatar em casa” (E1)</p> <p>“Quando os pais estão envolvidos na educação dos seus filhos, estão a desenvolver as suas capacidades de os apoiar ao longo do seu percurso educativo, (...)” (E2)</p>

		<p>“ao estimularmos este envolvimento, as famílias passam a conhecer e a compreender todas as dinâmicas desenvolvidas em contexto de sala/escola” (E3)</p> <p>“é importante haver uma continuidade do trabalho feito, (...) em casa, o empenho das famílias ajuda (...) a reforçar os conteúdos e a tornar as crianças mais autónomas” (P1)</p> <p>“Haver um sentimento de pertença e de se sentir que os pais conversam com professores e vice-versa, (...) cria um sentimento de harmonia entre os dois contextos (...)” (P2)</p> <p>“A participação ativa da família da criança irá dar-lhe estrutura, segurança e confiança necessárias para o seu desenvolvimento pedagógico e emocional.” (P3)</p>
<p>Formas de envolvimento parental que facilitam a relação de colaboração</p>	<p>Estratégias utilizadas</p>	<p>“(...) envolvo os pais logo na reunião de início do ano quando falo das estratégias que eu utilizo, (...) para eles perceberem que tudo o que se faz tem um objetivo, um sentido.” (E1)</p> <p>“Utilizo, também, alguns aplicativos e plataformas de comunicação para manter os pais informados e para facilitar a nossa interação, aquilo que mais costumo utilizar é o email... Nestes emails vou, também, fornecendo algumas informações e ajudas na forma como podem ajudar as crianças a ultrapassar alguma dificuldade, em casa.” (E2)</p> <p>“Para transmitir as informações de cada criança troco mensagens e envio fotografias, principalmente com as atividades e trabalhos que são feitos. Tudo isto permite às famílias perceberem todo o trabalho que é desenvolvido pelas crianças no jardim de infância.” (E3)</p>

		<p>“Uma das estratégias é convidar os pais a virem à escola fazer uma atividade. (...) convidá-los para virem falar da sua profissão, (...) Tudo isto para os pais se sentirem próximos e dentro da escola.” (P1)</p> <p>“Peço, (...), que se envolvam em projetos e pesquisas para que os apresentem a toda a turma, ou até mesmo a toda a escola” (P2)</p> <p>“Ao longo do ano vou pedindo a participação dos pais e das famílias nos projetos da escola, (...), a definição das atividades a fazerem parte do plano anual de atividades, as parcerias com a comunidade e os encontros frequentes entre pais e professores.” (P3)</p>
	<p>Frequência da realização de reuniões com os/as pais/famílias</p>	<p>“costumo fazer no início do ano e final, (...), dos semestres, (...) gosto de ir fazendo reuniões individuais, sempre que os pais pedem, mas, muitas das vezes, também sou eu que solicito para eles virem falar um bocadinho do desenvolvimento das crianças.” (E1)</p> <p>“As principais que faço são sempre no início e no fim do ano letivo. (...) Às vezes faço reuniões só com alguns pais, ao longo do ano, para ir dando algumas informações acerca das crianças em específico.” (E2)</p> <p>“As reuniões que faço servem essencialmente para transmitir informações aos pais e às famílias. Costumo fazer algumas ao longo do ano.” (E3)</p> <p>“(...) temos reuniões de avaliação e de início do ano letivo que fazemos com os encarregados de educação. Ao longo do ano temos todas as semanas um tempinho para receber os encarregados de educação, (...)” (P1)</p> <p>“Aqui na escola temos o hábito de fazer reuniões no início e no final do ano letivo. (...) acho que é nelas que conseguimos ‘tirar’ todas as dúvidas dos encarregados</p>

		<p>de educação, e não só, e que conseguimos criar uma ligação mais forte com todos eles.” (P2)</p> <p>“Faço algumas. As reuniões têm muita importância para mim e para os pais dos alunos. Nestas reuniões estabeleço o principal contacto com as famílias.” (P3)</p>
<p>Principais dificuldades na relação de colaboração entre o/a JI/escola e as famílias</p>	<p>Dificuldades na participação das famílias</p>	<p>“Ultimamente, muito desinteresse. Sinto os pais, com esta questão também do digital muito ligados a isso, e a passar um bocadinho a “bola” para a escola depois para tudo o resto.” (E1)</p> <p>“o facto de muitos pais terem horários de trabalho que dificultam a sua participação em reuniões escolares ou eventos. Nem todos os pais têm, também, acesso às novas tecnologias que considero serem necessárias para a comunicação entre a escola e as famílias.” (E2)</p> <p>“Algumas famílias gostam de participar e envolver-se no jardim de infância, mas, ainda, existem algumas que não são muito recetivas e que não têm a noção da importância que a sua presença tem na vida escolar das crianças.” (E3)</p> <p>“A principal dificuldade é que os pais apareçam nas reuniões (...) em termos de virem aqui falar comigo ou quererem vir por iniciativa própria, vêm muito pouco. (...) eles não contactam para saber informações nem nada.” (P1)</p> <p>“A principal dificuldade que sinto é a falta de respostas a emails e a pedidos. Muitos não comparecem nas reuniões, não mostrando qualquer interesse naquilo que é feito por todos na comunidade escolar. Sinto falta de envolvimento real com os filhos, (...)” (P2)</p> <p>“A maioria dos pais não mostra qualquer interesse em participar nas atividades que lhes são propostas (...)” (P3)</p>

<p>Contribuições das famílias para a melhoria do desempenho escolar das crianças</p>	<p>Contribuição das famílias no desempenho dos alunos</p>	<p>“envolverem-se mais pessoalmente e de forma mais presente com as crianças” (E1)</p> <p>“estar atento a sinais de dificuldades de aprendizagem ou outras necessidades especiais é o mais importante que as famílias podem fazer.” (E2)</p> <p>“o mais importante é apoiarem as suas crianças em todas as etapas da sua vida escolar” (E3)</p> <p>“Ao estarem mais presentes, acho que é uma das principais formas. (...) as crianças precisam de ter orientação e de saber que aquilo que elas fazem é importante. (...) Para mim, quanto mais apoio da família houver e quanto mais trabalharem em parceria com a escola, mais fácil é para o aluno, para a escola e para a própria família.” (P1)</p> <p>“Os pais contribuem para o desempenho das suas crianças através da comunicação, ao comparecerem na escola quando lhes é solicitado e ao colaboraram nas estratégias que os professores definem.” (P2)</p> <p>“Ao participarem nas aprendizagens e nos momentos de estudo, estão a potenciar a autonomia e o desenvolvimento das crianças.” (P3)</p>
--	---	--